

A. C. CHICHORRO DA GAMA  
(Do Archivo Nacional)



**OS FUNDADORES DO**              
            **THEATRO BRASILEIRO**

(Noticias e excerptos)



1924

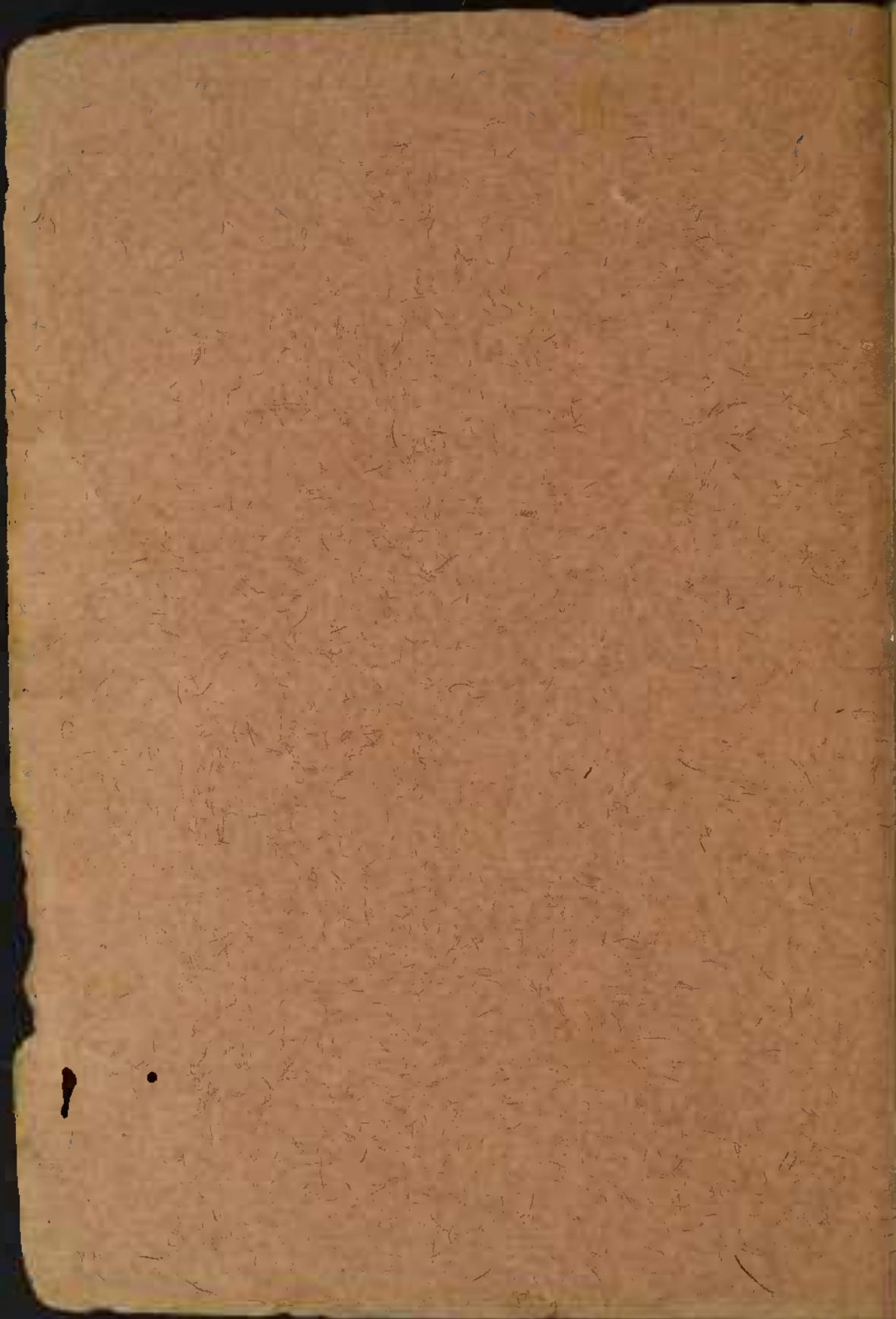
**NOVA ERA**

Empresa Editôra

**PAULINO VIEIRA & COMP.**

R. de S. Bento, 40-3.º andar-sala 20

SÃO PAULO



7

OS F



MUSEUM

50

A. C. CHICHORRO DA GAMA  
(Do Archivo Nacional)



**OS FUNDADORES DO**    
**THEATRO BRASILEIRO**  

(Noticias e excerptos)



1924  
**NOVA ERA**  
Empresa Editôra  
**PAULINO VIEIRA & COMP.**  
R. de S. Bento, 40-3.º andar-sala 20  
SÃO PAULO

---

DIREITOS RESERVADOS

## DO AUTOR:

Synopse da literatura brasileira do seculo XVI  
ao XVIII. — *Laemmert & Cia., editores*  
- *Rio de Janeiro, S. Paulo e Recife, 1900.*  
— Esg.

---

Através do theatro brasileiro (Resenha de autores  
e peças.) — *Livraria Luso-Brasileira,*  
*editora - Rio de Janeiro, 1907.* — Esg,

---

Escorços literarios (Lyra de hontem — D. Maria  
de Souza — Libertas quæ sera tamen —  
Nuvem desfeita — Através do theatro bra-  
sileiro) — *H. Garnier, livreiro editor - Rio*  
*de Janeiro e Paris, 1909.*

---

Breve Diccionario de autores classicos da lite-  
ratura brasileira — *Edição da « Revista*  
*de Lingua Portuguesa » - Rio de Janeiro*  
1921.

---

### EM SEGUIDA :

Romanticos brasileiros (Apontamentos sobre al-  
guns.)

o  
l

e

*A minha mulher*

*Aurea Pires da Gama*

1

## OS FUNDADORES DO THEATRO BRASILEIRO

---

Nos tempos anteriores á Independencia, não houve no Brasil o que se possa chamar theatro seu.

Os “autos” dos jesuitas, ao serviço da catechese dos indios e da moralização da colonia; mais tarde, uma ou outra tragedia ou comedia de autor nascido entre nós (Salvador de Mesquita, José Borges de Barros, Manoel Botelho de Oliveira, Alexandre de Gusmão, Claudio Manoel da Costa, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, Domingos Caldas Barbosa, etc); as proprias “operas” de Antonio José da Silva (1705-1739), natural do Rio de Janeiro, que foram as delicias do publico, no Bairro Alto de Lisbôa, tendo sido aqui representadas algumas — não podem constituir o que se chame, com verdade, theatro brasileiro.

Este só começou a accentuar-se depois do primeiro quartel do seculo XIX, ou mais precisamente, de 1838 em deante.

Data desse anno a primeira representação da comedia *O juiz de paz da roça*, com que Luiz

Carlos Martins Penna iniciou a fundação do theatro nacional; succedendo a essa comedia outras peças do autor, sempre representadas com exito.

A Penna vieram juntar-se, palmilhando o mesmo caminho e com características definidas, Joaquim Manoel de Macedo, José Martiniano de Alencar, Francisco Pinheiro Guimarães, Agrario de Souza Menezes e Joaquim José da França Junior.

São, no sentir de quem escreve estas linhas, os fundadores do theatro brasileiro.

Entretanto, devem ser lembrados, pelo contingente que trouxeram aos mesmos intuitos, mencionando-se apenas uma peça de cada um — Manoel de Araujo Porto Alegre (1806-1879), autor d'*A estatua amazonica*; Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811-1882), autor de *Antonio José* ou *O poeta e a Inquisição*; Antonio Gonçalves Teixeira e Souza (1812-1861), autor de *Cornelia*; Carlos Antonio Cordeiro (1812-1866), autor d'*O escravo fiel*; Joaquim Norberto de Souza e Silva (1820-1891), autor de *Amador Bueno* ou *A fidelidade paulistana*; Antonio Gonçalves Dias (1823-1864), autor de *Leonor de Mendonça*; Paulo Antonio do Valle (1824-1886), autor de *Caetaninho* ou *O tempo colonial*; Constantino José Gomes de Souza (1827-1877), autor d'*A filha do salineiro*; Antonio de Castro Lopes (1827-1901), autor d'*A emancipação das mulheres*; Constantino do Amaral Tavares (1828-1889), autor

d'*Os tempos da Independencia*; Francisco Gaudencio Sabbas da Costa (1829-1874), autor d'*O Bequimão*; Justino de Figueiredo Novaes (1829-1877), autor d'*As surpresas do Sr. José da Piedade*, revista do anno de 1858, a primeira representada no Rio de Janeiro (Gymnasio Dramatico, Janeiro de 1859); Francisco Manoel Alvares de Araujo (1829-1879), autor do drama *De ladrão a barão*; Antonio Joaquim Rodrigues da Costa (1830-1870), autor de *Pedro 1.º*; D.<sup>a</sup> Maria Ribeiro (1831-1880), autora de *Cancros Sociaes*; João Pedro da Cunha Valle (1832-1869), autor de *Frei Cecilio* ou *O segredo da confissão*; José Tito Nabuco de Araujo (1832-1879), autor d'*Os filhos da fortuna*; Augusto de Castro (1833-1896), autor d'*A ninhada de meu sogro*; Clemente Falcão de Souza (1834-1887), autor d'*O mendigo de S. Paulo*; Antonio Achilles de Miranda Varejão (1834-1900), autor d'*O captiveiro moral*; Cincinnati Pinto da Silva (1835-1912), autor d'*Os homens de cêra*; Bernardo Taveira Junior (1836-1892), autor d'*O jogador*; Quintino Bocayuva (1836-1912), autor de *Omphalia*; Joaquim Maria Serra Sobrinho (1838-1888), autor de *Coisas da moda*; Francisco Antonio Filgueiras Sobrinho (1842--1878), autor d'*A lenda de um pariá*; Antonio José de Araujo Pinheiro (1842-1881), autor d'*A familia Fagundes*; João Franklin da Silveira Tavora (1842-1888), autor de *Um mysterio de familia*; Sizenando Barreto Nabuco de Araujo

(1842-1892), autor d'*O cynico*; José Ricardo Pires de Almeida (1842-1913), autor de *Retratos a bico de penna*. (\*)

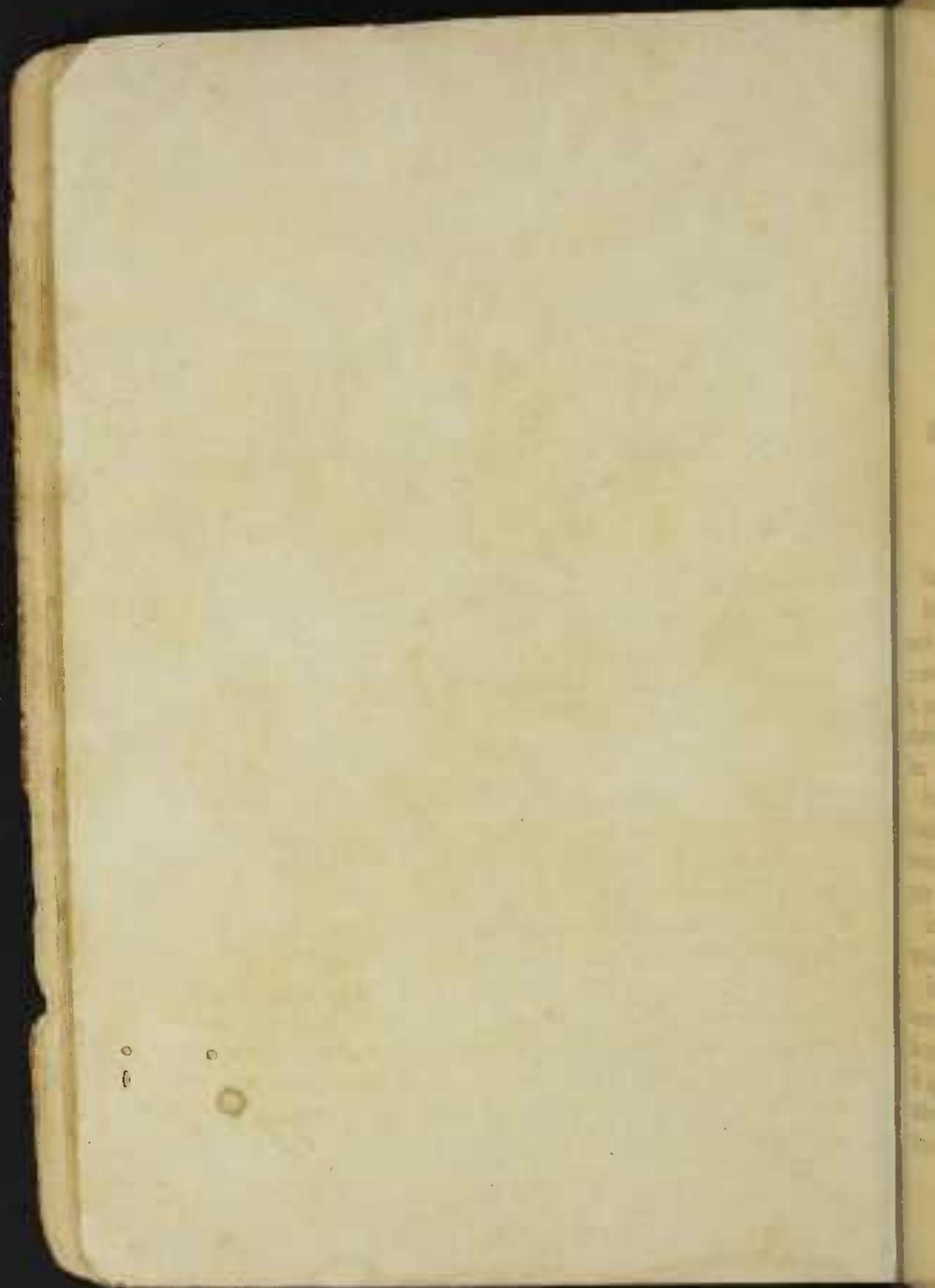
---

(\*) Ainda outros nomes, firmando peças apparecidas de 1838 a 1870, encontram-se no trabalho do autor—  
"Através do theatro brasileiro." Escorços literarios,  
"Garnier", 1909.

---



Luiz Carlos Martins Penna



**LUIZ CARLOS MARTINS PENNA****(1815-1848)**

Nasceu no Rio de Janeiro.

Estudou na Aula de Commercio e na Academia de Bellas Artes (Rio de Janeiro), cultivando ao mesmo tempo a musica e a literatura; ajudado, quanto a esta, pelo conhecimento que fôra adquirindo das linguas franceza, ingleza e italiana.

Em 1838 foi nomeado amanuense da Mesa do Consulado (Rio de Janeiro), sendo em 1843 removido para identico logar na Secretaria dos Negocios Estrangeiros.

Em 1847 foi nomeado addido de 1.<sup>a</sup> classe á legação brasileira em Londres.

Em fins de 1848, sentindo-se gravemente doente, partiu de Londres para Lisbôa, com destino ao Brasil. Na capital portugueza tendo-se-lhe aggravado a molestia, falleceu aos 7 de dezembro d'aquelle anno. Deixou as seguintes obras dramaticas:

**Comedias:** "O juiz de paz da roça" (1 acto); "A familia e a festa da roça" (1 acto); "O judas em sabbado de Alleluia" (1 acto); "Os irmãos das almas" (1 acto); "Os dois" ou "O inglez machinista" (1 acto); "Os namorados" ou "A noite de S. João" (1 acto); "Os tres medicos" (1 acto); "O caixeiro da taverna" (1 acto); "Os meirinhos" (1 acto); "Os ciumes de um pedestre" (1 acto); "As desgraças de uma creancinha" (1 acto); "O terrivel capitão do mato" (1 acto); "Um sertanejo na côrte" (1 acto); "O jogo de prendas" (1 acto); "O noviço" (3 actos); "Bolyngbrok e Companhia" ou "As casadas solteiras" (3 actos); "A barriga de meu tio" (3 actos); "O usurario" (3 actos).

**Dramas:** "Witiza" ou "O Nero de Hespanha" (em verso), constando de um prologo e 5 actos; "D.<sup>a</sup> Leonor Telles" (5 actos e 6 quadros); "Fernando" ou "O santo accusador" (4 actos); "Itaminda" ou "O guerreiro de Tupan" (3 actos); "D. João de Lyra" (3 actos); "O segredo de Estado" (1 acto); "O cigano" (1 acto).

Deixou mais: a tragi-farça "O dilettante" e o proverbio "Quem casa, quer casa".

De suas comedias, quasi todas representadas em tempo, apenas se imprimiram nove, que foram, ha alguns annos, reunidas pela casa Garnier em um volume (Rio, s. d.).

Seus dramas não são hoje conhecidos; sendo, entretanto, representados com exito (segundo um jornal da época) os intitulados "Witiza" ou

“O Nero de Hespanha”, extrahido da “Historia de Portugal” de M. de la Clede, “O segredo de Estado” e “O cigano”.

Como comediographo é que Martins Penna se recommenda á nossa historia literaria. E' que elle, como disse Sylvio Romero, “estereotypa o seu tempo, cujos vicios e esgares comicos apprehendeu completamente”.

As comedias impressas, acima referidas, são as seguintes:

“O juiz de paz da roça”, comedia em 1 acto (farça, de accordo com o primitivo annuncio theatral), representada, pela primeira vez, no theatro S. Pedro de Alcantara, actualmente João Caetano (Rio de Janeiro), a 4 de outubro de 1838.

“A familia e a festa da roça”, comedia em 1 acto, representada, pela primeira vez, no theatro S. Pedro, a 1.º de setembro de 1840.

“O judas em sabbado de Alleluia”, comedia em 1 acto, representada, pela primeira vez, no theatro S. Pedro, a 17 de setembro de 1844.

“Os irmãos das almas”, comedia em 1 acto, representada, pela primeira vez, no theatro S. Pedro, a 19 de novembro de 1844.

“Os dois” ou “O inglez machinista”, comedia em 1 acto, representada, pela primeira vez, no theatro S. Pedro, a 28 de janeiro de 1845.

“O dilettante”, tragi-farça em 1 acto, representada, pela primeira vez, no theatro S. Pedro, a 25 de fevereiro de 1845.

“O noviço”, comedia em 3 actos, representada, pela primeira vez, no theatro S. Pedro, a 10 de agosto de 1845.

“O caixeiro da taverna” comedia em 1 acto, representada, pela primeira vez, no theatro S. Pedro, a 18 de novembro de 1845.

“Quem casa quer casa”, proverbio em 1 acto, representado, pela primeira vez, no theatro S. Pedro, a 15 de dezembro de 1845.

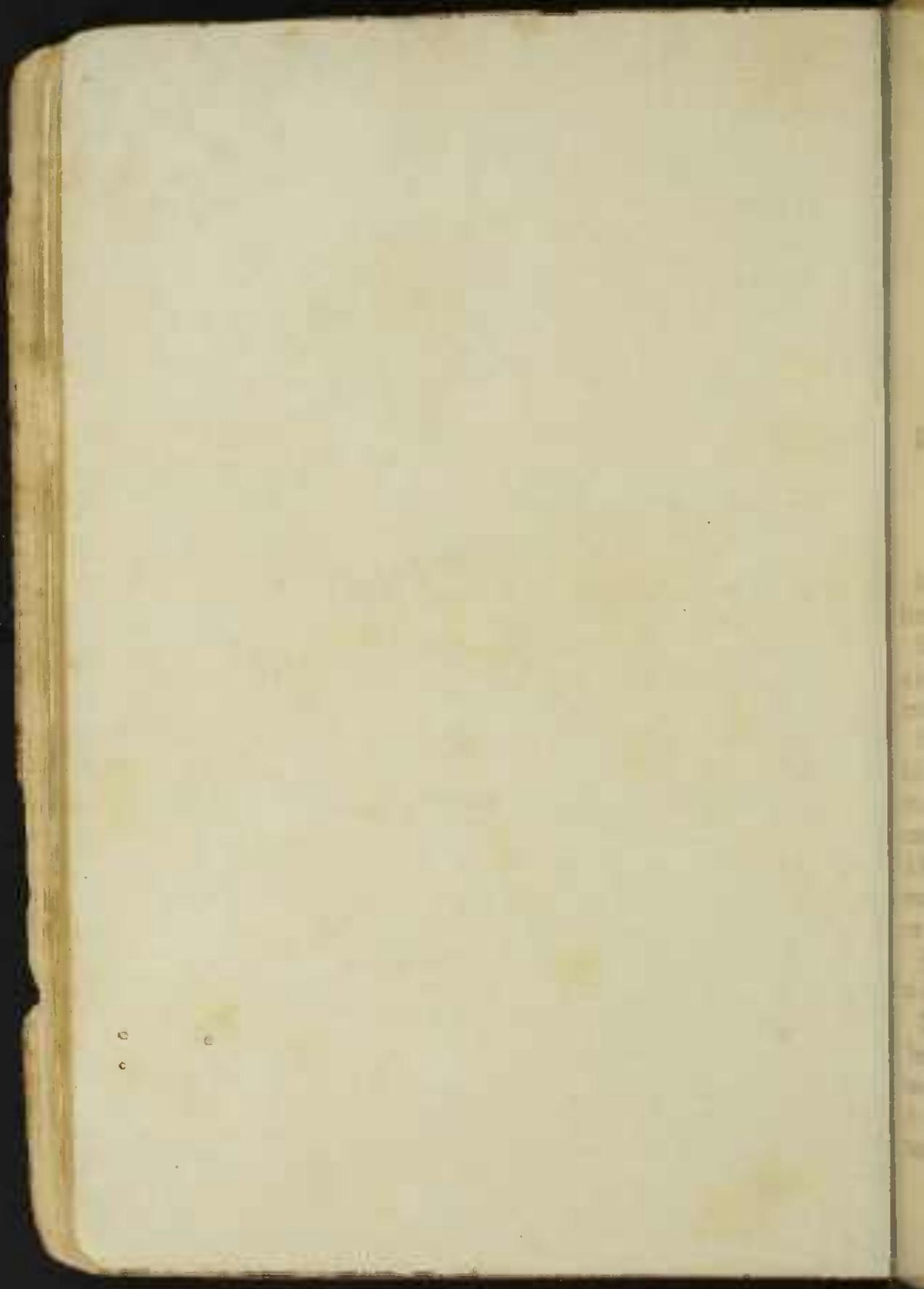
Sob o titulo “**Luiz Carlos Martins Penna**, o creador da comedia nacional”, veja-se a memoria biographica lida no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, pelo Dr. Luiz Francisco da Veiga, o provector autor d’“O primeiro reinado”, em sessão de 23 de novembro de 1877 e publicada no vol. 40, 2.<sup>a</sup> parte, da Revista do mesmo Instituto.

A secção de manuscriptos da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro possui dramas e comedias de **Penna** em original e por copia.

---



Joaquim Manoel de Macedo



## JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

(1820-1882)

Nasceu em Itaborahy, na então provincia do Rio de Janeiro.

Na Escola de Medicina da capital do Imperio, formou-se em 1844, anno em que estreou na literatura com o romance "A moreninha".

Professor de historia e corographia do Brasil do Collegio Pedro II, socio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, desde 1845, occupando nelle, entre outros cargos, o de orador (de 1857 a 1881), foi deputado á Assembléa Provincial do Rio de Janeiro, em varias legislaturas e, em duas, deputado geral.

Sua bibliographia é das mais vastas; a theatral é a seguinte:

**Comedias:** "Luxo e vaidade" (5 actos); "Remissão de peccados" (idem); "Cincinato quebra-louça" (id.); "Romance de uma velha" (id.); "Uma pupilla rica" (id., inedita); "O fantasma branco" (3 actos), publicada em 1856

(typ. de Paula Brito), com a designação de “opera”; “A torre em concurso” (3 actos); “O primo da California” (2 actos); “O novo Othello” (1 acto).

**Dramas:** “O cego” (5 actos, em verso); “Cobé” (id., id.); “Lusbella” (4 actos e prologo); “O sacrificio de Isaac” (1 acto, em verso); “Amor e Patria” (1 acto).

Ha ainda a accrescentar a burleta em 4 actos “Antonica da Silva”, representada em 1880 e nesse mesmo anno editada por Serafim José Alves (Rio).

De 1849 a 1880, fez **Macedo** imprimir e representar peças suas, tendo alcançado algumas ruidosa repercussão.

E’ o caso d’“O fantasma branco”, de “Luxo e vaidade”, d’“A torre em concurso”.

A “*Sinh’ Anninha*” desta comedia burlesca, o “*Capitão Tiberio*” d’“O fantasma branco”, popularizaram-se intensamente.

Em **Macedo**, o dramaturgo é sobrepujado pelo comediographo.

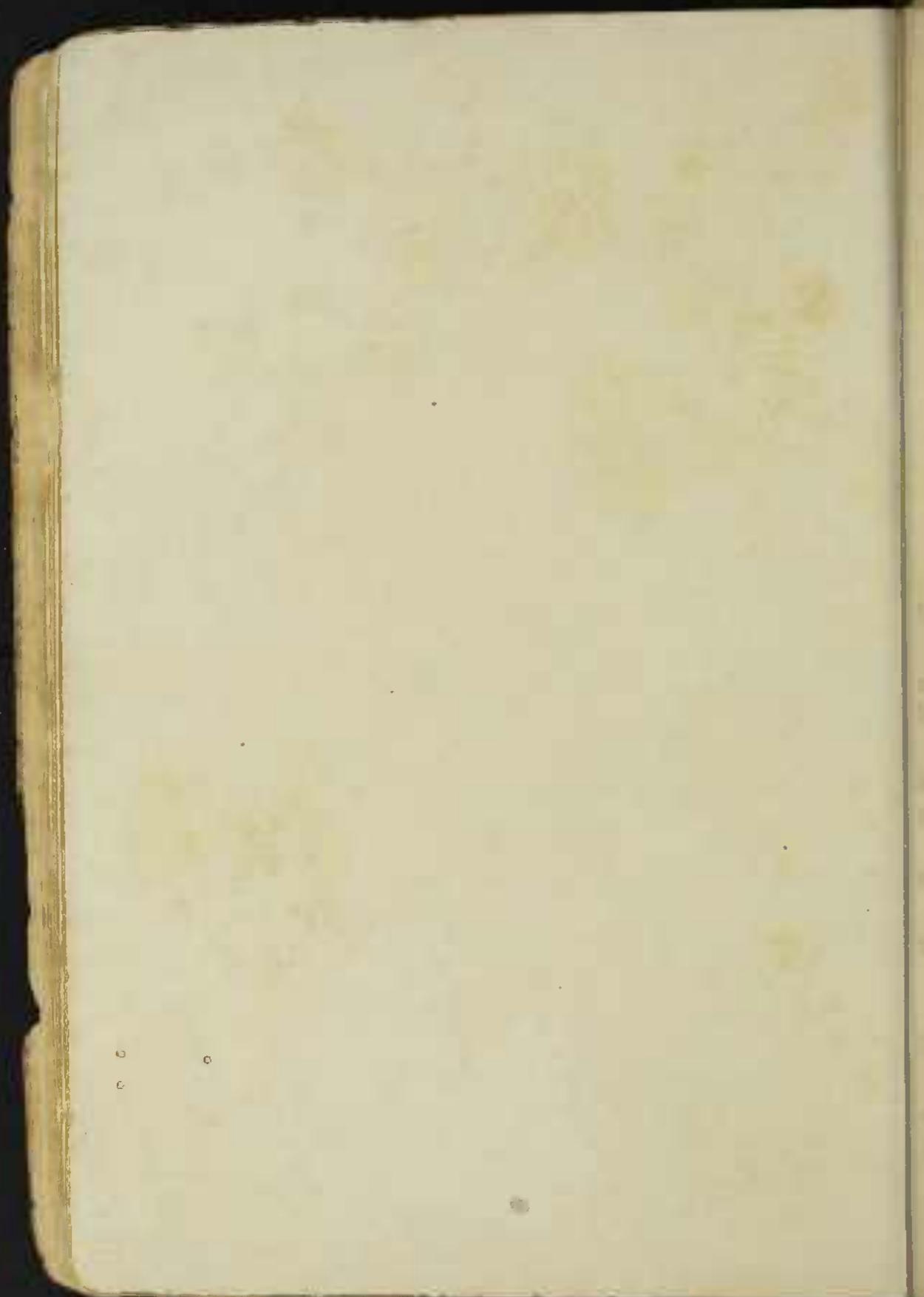
Examinando-se os dramas do autor fluminense, é forçoso concordar com Clovis Bevilacqua, que pensa “serem as melhores tintas de Macedo as comicas”.

**Macedo** foi o continuador immediato de **Penna**.

---



**José Martiniano de Alencar**



### III

## JOSÉ MARTINIANO DE ALENCAR

(1829-1877)

Nasceu em Mecejana (Sitio do Alagadiço Novo), no Ceará.

Estudados os preparatorios no Rio de Janeiro, cursou as Faculdades de Direito de S. Paulo e do Recife, graduando-se na de S. Paulo, em 1850.

Jurista, foi professor de direito mercantil no Instituto Commercial do Rio de Janeiro, consultor do Ministerio da Justiça e advogado.

Literato, foi jornalista, critico, romancista, poeta, dramaturgo e comediographo.

Politico, foi orador parlamentar e ministro de Estado. (De julho de 1868 a janeiro de 1870).

Deixou as seguintes obras de theatro:

Dramas: "Mãe" (4 actos); "O jesuita" (idem).

Comedias: "O credito" (5 actos); "O demonio familiar" (4 actos); "As asas de um anjo" (prologo, 4 actos e epilogo); "A expiação" (4

actos); “Flôr agreste” (4 actos, inédita); “Verso e reverso” (2 actos).

Deixou mais: “A noite de S. João”, comedia lyrica em 2 actos, impressa em 1860, musica do maestro paulista Elias Alvares Lobo e os dramas não concluidos “Gabriella” e “O abbade”. As peças “Verso e reverso”, “O demonio familiar”, “As asas de um anjo”, “Mãe” e “O jesuita”, representadas e impressas de 1857 a 1875, receberam applausos da critica e das platéas, com restricções quanto á comedia “As asas de um anjo” (rehabilitação de uma transviada) e ao drama “O jesuita”, aliás de grande alcance historico e moral.

“O demonio familiar” e “Mãe”, peças profundamente brasileiras e de uma technica perfeita, são duas joias inestimaveis do theatro nacional.

Não foram representadas: “A expiação”, segunda parte d’“As asas de um anjo”, impressa em 1868 pelo editor Cruz Coitinho (Rio);

“O credito”, que saiu nos tomos 4.º e 5.º da “Revista Brasileira” (3.ª phase), 1895-96 e

“Flôr agreste”, cujo titulo primitivo era “O que é o casamento”.

---



Francisco Pinheiro Guimarães

00

#### IV

### FRANCISCO PINHEIRO GUIMARÃES

(1832-1877)

Nasceu no Rio de Janeiro, em cuja Faculdade de Medicina se graduou em 1854 e a cujo corpo docente pertenceu, subindo a cathedratico em 1871, anno immediato ao de sua volta da campanha contra o dictador do Paraguay, Solano Lopez; tendo seguido para o theatro da guerra, commandando um corpo de voluntarios.

Foi deputado á Assembléa da provincia do Rio e tambem deputado geral.

Literato, deixou **Pinheiro Guimarães** as seguintes obras de theatro:

“Historia de uma moça rica”, drama em 4 actos; “Punição”, drama em 3 actos e prologo; “Quem casa quer casa”, proverbio em 1 acto cujo manuscripto se extraviou.

Reveladores de notavel vocação theatral, os dramas indicados obtiveram em scena ruidosos applausos no Rio de Janeiro e nas antigas provincias do Imperio.

Prefaciando a "Historia de uma moça rica", impressa em 1861 (Typ. do "Diario do Rio de Janeiro"), disse Henrique C. Muzzio, dirigindo-se ao autor:

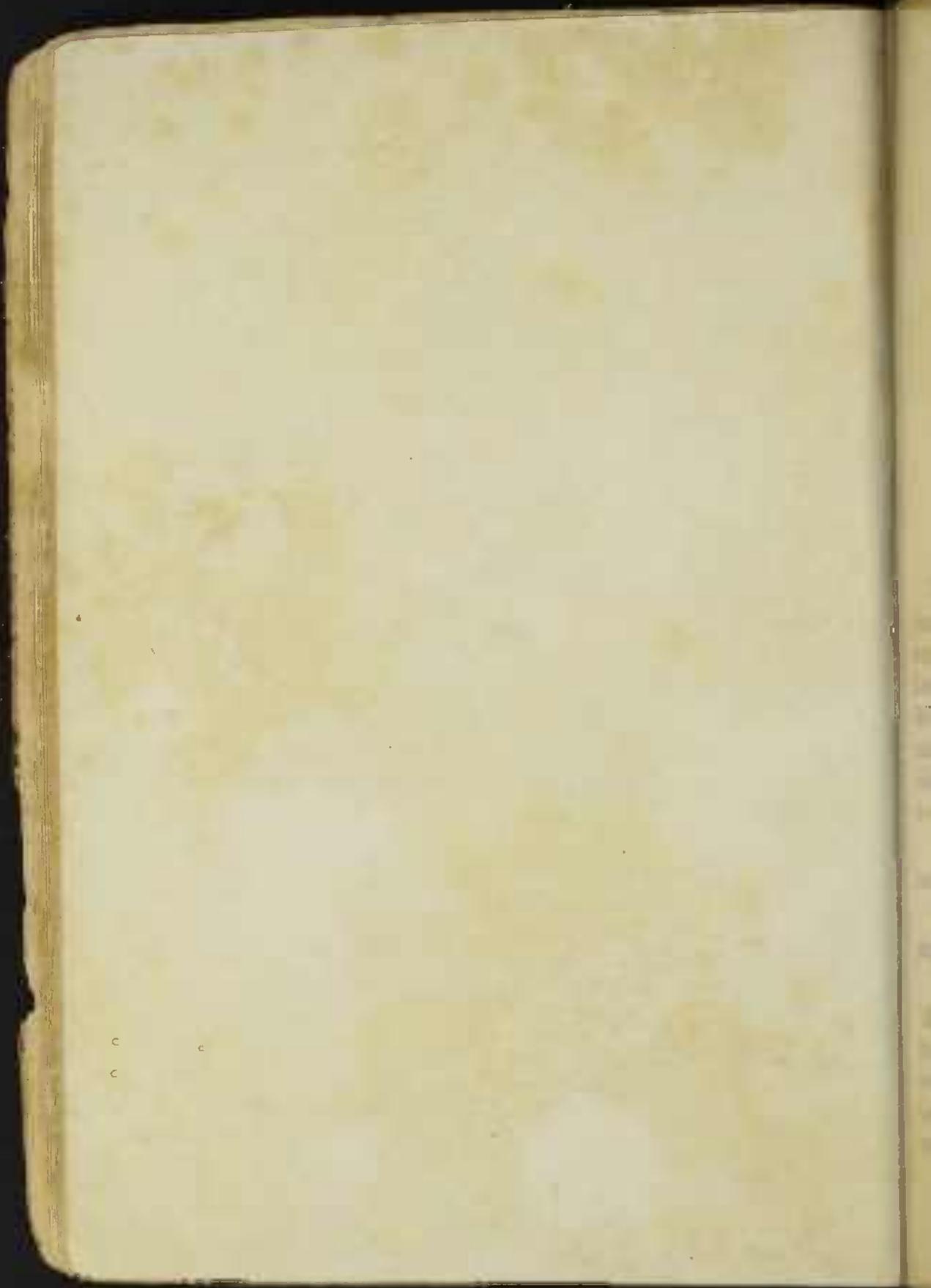
"Caber-te-á a gloria de teres sido um dos primeiros que responderam ao appello dos que abriram a senda por onde vae caminhar o nosso theatro".

Com o bello e intenso drama "Punição", publicado em 1864 (Rio), ainda melhor respondeu Pinheiro Guimarães ao appello a que se referiu Henrique Muzzio.

---



Agrario de Souza Menezes



V

AGRARIO DE SOUZA MENEZES

(1834-1863)

Nasceu na capital da Bahia, graduando-se na Faculdade de Direito do Recife em 1854. Foi, na terra natal, advogado, deputado, presidente do Conservatorio Dramatico, por elle fundado em 1857, socio do Instituto Historico e de outras associações e administrador do theatro official S. João, onde falleceu repentinamente, em uma noite de espectaculo.

Sua actividade jornalistica foi das mais fecundas.

Dotou o theatro nacional com as seguintes peças:

“O dia da Independencia”, drama em 6 actos;  
“Mathilde”, drama em 5 actos (em verso); “Ca-  
labar” drama em 5 actos (em verso); “Os mise-  
raveis”, drama em 5 actos; “Bartholomeu de  
Gusmão”, drama em 3 actos; “O retrato do rei”,  
comedia em 2 actos.

Deixou mais: o drama sacro "S. Thomé", não concluído e as comédias que se reputam perdidas: "Os contribuintes", "O príncipe do Brasil" "Uma festa no Bomfim".

As peças "Mathilde" (Recife, 1854), "Calabar" (Bahia, 1858), "Os miseráveis" (Bahia, 1863) e "Bartholomeu de Gusmão" (Bahia, 1865) estão impressas.

"O dia da Independencia" (O 2 de Julho, na Bahia) e "O retrato do rei" (D. João VI) acham-se na secção de manuscriptos da Bibliotheca Nacional.

O drama "Os miseráveis", subiu á scena em theatros do Rio de Janeiro com seguro exito.

Entre as peças de **Agrario** que não foram representadas, nem mesmo na Bahia, está o "Calabar", de accentuado vigor dramatico.

Notou um critico nessa tragedia (drama em verso, chamou-lhe o autor), "desvios escusados da historia".

O mesmo se póde notar na peça "Bartholomeu de Gusmão", onde Alexandre, irmão do protagonista, é apresentado, logo no primeiro acto, que decorre em 1709, com toda a gravidade de um cavalheiro perfeito, tendo apenas, naquella data, quatorze annos de idade.

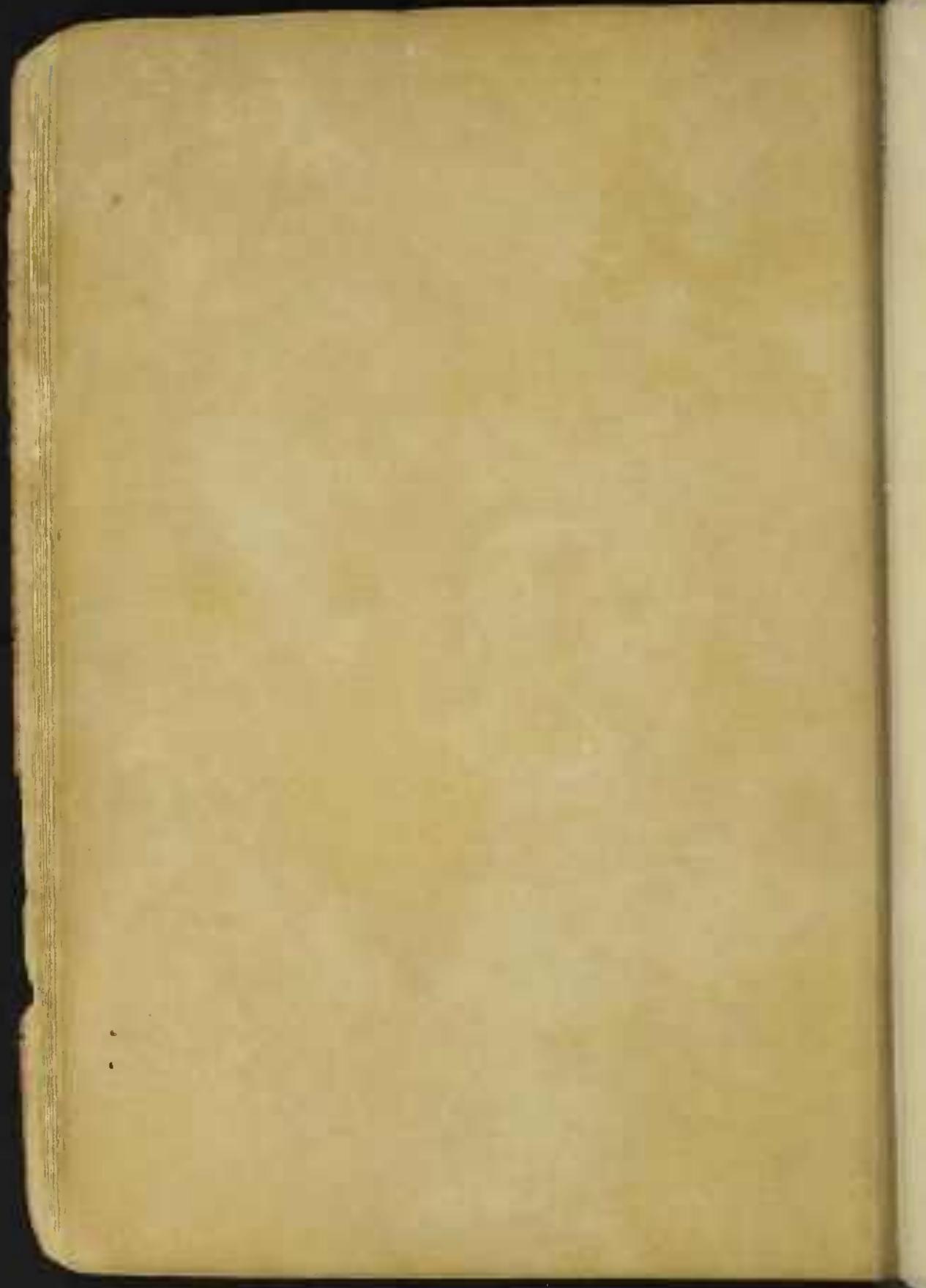
Taes desvios são communs no theatro historico dos nossos romanticsos.

O elogio de **Agrario** vem no primeiro volume de suas "Obras inéditas", mandadas publicar pela

sociedade academica "Recreio Dramatico" (Bahia, 1865).

Este primeiro volume (unico publicado) contem o elogio, escripto pelo Dr. Antonio Alvares da Silva e o drama "Bartholomeu de Gusmão".

---





Joaquim José da França Junior

c  
c

## VI

### JOAQUIM JOSÉ DA FRANÇA JUNIOR

(1838-1890)

Nasceu no Rio de Janeiro.

Bacharel pelo Collegio Pedro II, graduou-se na Faculdade de Direito de S. Paulo em 1862.

Foi secretario do governo na Bahia, adjunto de promotor e curador da 2.<sup>a</sup> Vara de Orphãos, no Rio de Janeiro.

Em 1873, representou o Brasil na Exposição de Vienna d'Austria, publicando um relatório (1874).

Era grande amator de pintura.

Dotado da "*vis comica*" de Penna e Macedo, deu ao repertorio nacional as seguintes comedias:

"Meia hora de cynismo" (1 acto); "Republica modelo" (1 acto); "O defeito de familia" (1 acto); "Bemdito chapéo" (1 acto); "O carnaval no Rio de Janeiro" (1 acto); "Amor com amor se paga" (1 acto); "Maldita parentella" (1 acto); "O typo brasileiro" (1 acto); "Em Petropolis" (1 acto); "Entrei para o Club Jacome"

•  
•

(1 acto); “A lotação dos bondes” (1 acto); “Tres candidatos” (1 acto); “Dois proveitos em um sacco” (1 acto); “Inglezes na costa” (2 actos); “Trunfo ás avessas” (2 actos); “Typos da actualidade” (3 actos); “Como se fazia um deputado” (3 actos); “Caiu o ministerio!” (3 actos); “De Petropolis a Paris” (3 actos); “Portugueses ás direitas” (3 actos); “O beijo de Judas” (4 actos); “Direito por linhas tortas” (4 actos); “As doutoras” (4 actos); “Duas pragas familiares” (5 actos).

Estreando com as comedias de costumes academicos “Meia hora de cynismo” e “Republica modelo” (1861), teve **França Junior** a satisfação de ver sempre as suas comedias applaudidas, mantendo a platéa em constante hilaridade.

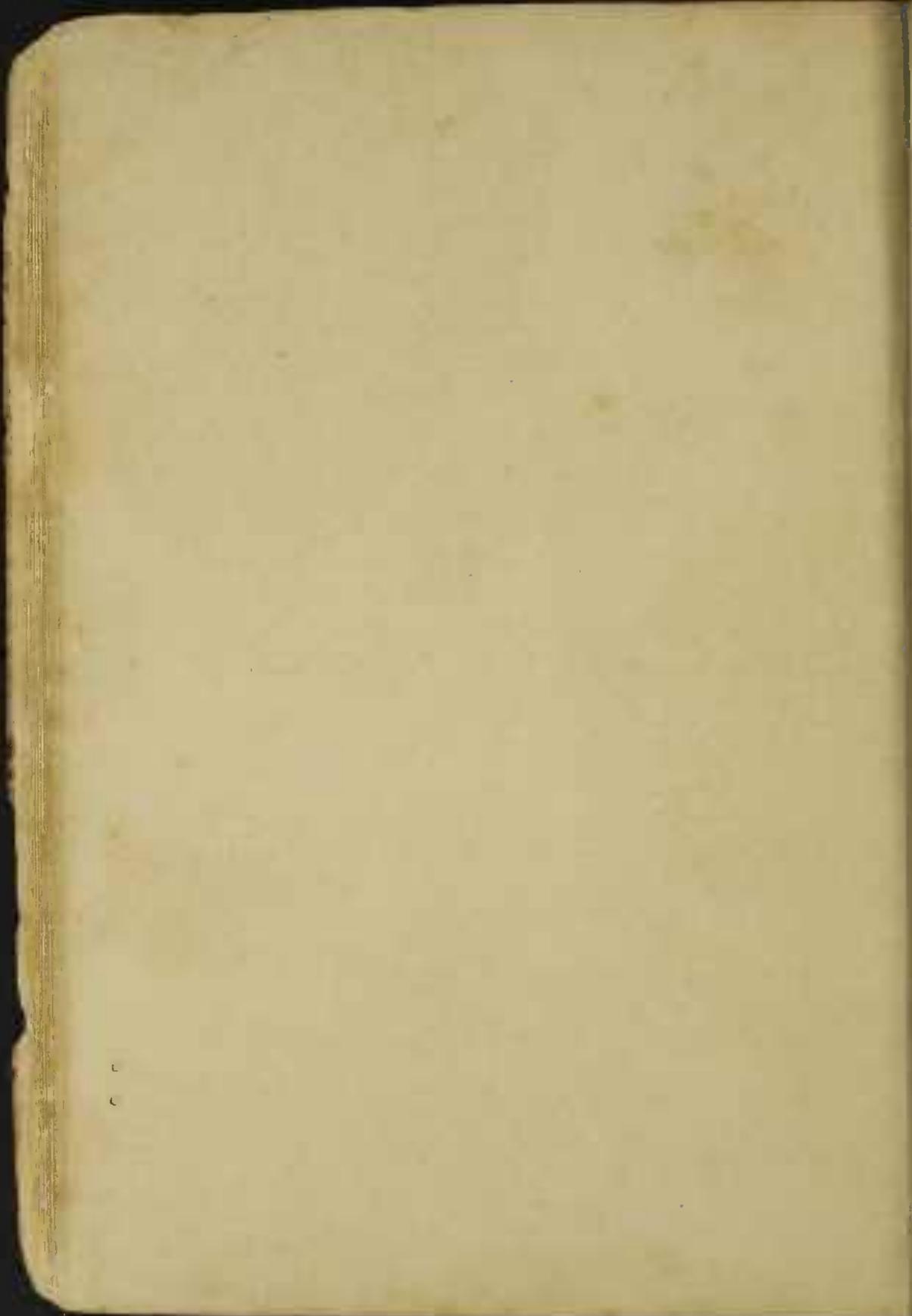
Publicadas em grande parte, está no numero das que o não foram, talvez a melhor — “As doutoras”, peça que, pela urdidura e pelo assumpto, parece escripta hoje.

A comedia “Tres candidatos” foi traduzida para o italiano e representada nessa lingua no Rio de Janeiro. (Companhia Adelaide Tessero).

---

EXCERPTOS

•  
•



PENNA

“O Noviço” (1845).

ACTO I

Sala ricamente adornada; mesa, consólos, mangas de vidro, jarras com flores, cortinas, etc. No fundo porta de saída, uma janella, etc.

Scena VII

Emilia e Carlos.

Carlos, com habito de noviço, entra assustado e fecha a porta.

**Emilia**, *assustando-se*

Ah! Quem é? Carlos!

**Carlos** — Cala-te...

**Emilia** — Meu Deus! Que tens? Porque estás tão assustado? Que foi?

**Carlos** — Onde estão minha tia e o teu padrasto?

**Emilia** — I á em cima; más que tens?

**Carlos** — Fugi do convento...e ahi vem elles atrás de mim.

**Emilia** — Fugiste? E porque motivo?

**Carlos** — Porque motivo? Pois faltam motivos para se fugir de um convento? O ultimo foi o jejum em que vivo ha sete dias... Vê como tenho esta barriga... Vae a sumir-se! Desde sexta-feira passada que não mastigo pedaço que valha a pena.

**Emilia** — Coitado!

**Carlos** — Hoje, já não podendo, questionei com o D. Abbade. Palavras puxam palavras, dize tu, direi eu... e, por fim de contas arrumei-lhe uma cabeçada que o atirei por esses ares...

**Emilia** — Que fizeste, louco?!

**Carlos** — E que culpa tenho eu, se tenho a cabeça esquentada? Para que querem violentar minha inclinação? Não nasci para frade, não tenho geito nenhum para estar horas inteiras no côro a rezar com os braços encruzados... não me vae o gosto para ahi. Não posso jejuar, tenho, pelo menos, tres vezes ao dia, uma fome de todos os diabos. Militar era o que eu quizera ser, para ahi chama-me a inclinação: bordoadas, espadeiradas, rurgas, é que me regalam; esse é o meu genio. Gósto de theatro e de lá ninguem vae ao theatro, á excepção de fr. Mauricio, que frequenta a plateia de casaca e cabelleira, para esconder a corôa.

**Emilia** — Pobre Carlos! Como terás passado estes seis mezes de noviciado?

**Carlos** — Seis mezes de martyrio... Não que a vida de frade seja má...bôa é ella para

quem a sabe gozar e para ella nasceu; mas eu, prima, eu, que tenho para a tal vidinha negação completa; não posso.

**Emilia** — E os nossos parentes, quando nos obrigam a seguir uma carreira, para a qual não temos inclinação alguma, dizem que o tempo nos acostumará.

**Carlos** — O tempo acostumar!... eis ahi porque vemos entre nós tantos absurdos e disparates! Este tem geito para sapateiro, pois vá estudar medicina... excellente medico; aquelle tem inclinação para comico, pois não senhor, será politico... ora, ainda isso vá. Este outro só tem geito para caiador ou borrador, nada, é officio que não presta, seja diplomata que borra tudo quanto faz. Aquelle outro chama-lhe toda a propensão para a ladroeira; manda o bom senso que se corrija o sugueitinho... mas isso não se faz: seja thesoureiro de repartição fiscal, e lá se vão os cobres da nação á garra. Esse outro tem uma grande carga de preguiça e indolencia e só serviria para leigo de convento; no entanto vemos o bom do mandrião empregado publico, comendo, com as mãos cruzadas sobre a pança, o pingue ordenado da nação.

**Emilia** — Tens muita razão, assim é...

**Carlos** — Este nasce para poeta ou escriptor, com uma imaginação fogosa e independente, capaz de grandes coisas; mas não póde seguir a sua inclinação, porque poetas e escriptores morrem de miseria no Brasil! E assim o obriga a

necessidade a ser o mais somenos amanuense em uma repartição publica e a copiar cinco horas por dia os mais somniferos papeis. Que acontece? Em breve matam-lhe a intelligencia e fazem do homem pensante machina estúpida; e assim se gasta uma vida!

É preciso, é já tempo que alguém olhe para isso e alguém que possa...

**Emilia** — Quem póde, nem sempre sabe o que se passa entre nós para poder remediar... é preciso falar...

**Carlos** — O respeito e a modestia prendem muitas linguas; mas lá vem um dia que a voz da razão se faz ouvir e tanto mais forte, quanto mais comprimida.

**Emilia** — Mas, Carlos, hoje te estou desconhecendo.

**Carlos** — A contradicção em que vivo tem-me exasperado! E como queres tu que eu não fale quando vejo, aqui um pessimo cirurgião que poderia ser bom alveitar; ali, um ignorante general que poderia ser excellente enfermeiro; acolá, um periodiqueiro que só serviria para arrieiro tão desbocado e insolente é, etc., etc.; tudo fóra de seus eixos...

**Emilia** — Mas que queres tu que se faça?

**Carlos** — Que não se constranja ninguem; que se estudem os homens e que haja uma bem entendida e esclarecida protecção; e que, sobretudo, se despreze o patronato, que assenta o ju-

mento nos bancos das academias e amarra o homem de talento á mangedoura.

Eu, que quizera viver com uma espada á cinta e á frente do meu batalhão, conduzil-o ao inimigo através da metralha, bradando: “Marcha... (*manobrando pela sala, enthiasmado*). Camaradas! Coragem, calar baionetas, marche, marche! Firmeza, avança! O inimigo fraqueia... (*Seguindo Emilia que recua espantada*) avança!”

Emilia — Primo, primo! Que é isso? Fique quieto...

Carlos — *enthiasmado* Avança; bravos companheiros, viva a patria! Viva! e voltar victorioso, coberto de sangue e poeira. Em vez desta vida de agitação e gloria... hei de ser frade... revestir-me de paciencia e humildade, encommendar defuntos. (*cantando*) “*Requiescat in pace... a porta inferi... amen!*” Que se seguirá disto? O ser eu pessimo frade, descredito do convento e vergonha do habito que visto... Falta-me a paciencia.

Emilia — Paciencia, Carlos, preciso eu tambem ter e muita... Minha mãe declarou-me, positivamente, que eu hei de ser freira.

Carlos — Tu, freira?! Tambem te perseguem?

Emilia — E meu padrasto ameaça-me.

Carlos — Emilia, aos cinco annos estava eu orphão e tua mãe, minha tia, foi nomeada por meu pae sua testamenteira e minha tutora...

Comtigo cresci nesta casa e á amizade de creança seguiu-se inclinação mais forte... eu te amei, Emilia, e tu tambem...

**Emilia** — Carlos!

**Carlos** — Viviamos felizes, esperando que um dia nos uniríamos; nesses planos estavamos quando appareceu este homem, não sei donde, e que soube a tal ponto illudir tua mãe que a fez esquecer-se de seus filhos, que tanto amava; de seus interesses, e contrahir segundas nupcias.

**Emilia** — Desde então nossa vida tem sido tormentosa.

**Carlos** — Obrigaram-me a ser noviço e, não contentes com isso, querem te fazer freira... Emilia, ha muito tempo que eu observo este teu padrasto e sabes qual tem sido o resultado de minhas observações?

**Emilia** — Não.

**Carlos** — Que elle é um rematadissimo velhaco.

**Emilia** — Oh! Estás bem certo disso?

**Carlos** — Certissimo. Esta resolução que tomaram de fazer-te freira confirma a minha opinião.

**Emilia** — Explica-te...

**Carlos** — Teu padrasto persuadiu á minha tia que me obrigasse a ser frade, para assim roubar-me a herança que meu pae me deixou... um frade não põe demandas.

**Emilia** — E' possível!

**Carlos** — Ainda mais: querem que tu sejas freira para não te darem dote se te casares...

**Emilia** — Carlos, quem te disse isso?... Minha mãe não é capaz...

**Carlos** — Tua mãe vive illudida... Oh! que não possa eu desmascarar este tratante!

**Emilia** — Fala baixo!...

### Scena VIII

(Entra Juca vestido de frade)

**Juca** — Mana, mamãe pergunta por você.

**Carlos** — De hábito? Também elle? Ah!

**Juca**, *correndo para Carlos* — Primo Carlos...

**Carlos**, *tomando-o no collo* — Juquinha!... Então, prima, tenho ou não tenho razão? Ha ou não ha plano?

**Juca** — Primo, você também é frade? Já lhe deram um carrinho de prata com cavallos de ouro?

**Carlos** — Que dizes?

**Juca** — Mamãe disse que havia de me dar um muito bonito quando eu fosse frade. (*Cantando*). Eu quero ser frade, eu quero ser frade! etc., etc.

**Carlos**, *para Emilia* — Ainda duvidas? Vê como enganam esta innocente creança!

**Juca** — Não enganam, não, primo; os cavallos andam sósinhos...

Carlos, *para Emilia* — Então?

Emilia — Meu Deus!

Carlos — Deixa o caso por minha conta...  
Hei de fazer uma estrallada de todos os diabos...  
verão.

Emilia — Prudencia!

Carlos — Deixa-os commigo. Adeus, Juqui-  
nha. Vae para dentro com tua irmã. (*Bota-o no  
chão*).

Juca — Vamos, mana. (*Sae cantando*). Eu  
quero ser frade! (*Emilia o segue*).

### ACTO III

(Quarto em casa de **Florencia**, mãe de **Emilia**, e  
segunda mulher de **Ambrosio**, estando a pri-  
meira, **Rosa**, ainda viva. Accusado de biga-  
mia por sua primeira mulher, esta promove a  
prisão de **Ambrosio**, industriada por **Carlos**).

### Scena XIX

**Rosa, Florencia, Emilia, Carlos, Ambrosio, Mei-  
rinhos e Mestre de noviços**

**Rosa** — Srs. officiaes de Justiça, aqui lhes  
apresento este mandado de prisão, lavrado contra  
um homem que se occulta dentro daquelle ar-  
mario.

**Todos** — Naquelle armario!

**Meirinho**, *que tem lido o mandado* — O mandado está em fórma.

**Rosa** — Tenham a bondade de levantar o armario. (*Os officiaes levantam o armario*).

**Florescia** — Abram.

(*Ambrosio sae muito pallido, depois de abrirem o armario*).

**Carlos** — O sr. meu tio!

**Emilia** — Meu padra<sup>to</sup>!

**Meirinho** — Estaes preso!

**Rosa** — Levae-o.

**Florescia** — Para a cadeia!

**Ambrosio** — Um momento, estou preso, vou passar seis annos na cadeia, escutae, senhoras... Eu me deveria lembrar, antes de casar com duas mulheres, que basta só uma para fazer o homem desgraçado; que diremos de duas? Reduzem-n'o ao estado em que me vejo... Mas não sairei daqui sem, ao menos, vingar-me em alguem.

Senhores (*para os meirinhos*), aquelle moço (*designa Carlos*) fugiu do convento, depois de assassinar um frade.

**Carlos** — Que é lá isso?

(*O mestre de Noviços entra pelo fundo*).

**Ambrosio** — Senhores, denuncio-vos um criminoso.

**Meirinho** — E' verdade que tenho aqui uma ordem contra um Noviço.

**Mestre** — Que já nada vale.

**Todos** — O Padre Mestre!

**Mestre, para Carlos** — Carlos, o D. Abba-  
de julgou mais prudente que lá não voltasses.  
Aqui tens a permissão por elle assignada para sa-  
hires do convento.

**Carlos, abraçando-o** — Meu bom Padre  
Mestre, este acto reconcilia-me com os frades...

**Mestre** — E vós, senhoras, esperae da justiça  
dos homens o castigo deste malvado! (*designando  
Ambrosio*). E vós, meus filhos, (*para Carlos e  
Emilia*) sêde felizes, que eu pedirei para todos (*ao  
publico*) Indulgencia!

**Ambrosio** — Mulheres, mulheres!

(*Execução*).

MACEDO

“Luxo e vaidade”

(1860)

ACTO I

Sala ornada com esmero e luxo.

Scena III

Petit, Anastacio e Leonina

Anastacio — Entrei como Pallafox em Saragoça!

Leonina — Que é isto? Que aconteceu?

Anastacio, *á parte* — Que mocetona! E' a tal cabecinha de vento, sem duvida.

Petit — E' este mineiro que arruma socco inglez e entra á força na sala com esses botas que trazem lama.

Leonina — E por que não havia de entrar, uma vez que vem procurar a meu pae ou a minha mãe? Retira-te.

Petit, *á parte* — Ah! sapristi! (*vae-se*).

Leonina — O senhor quer ter a bondade de sentar-se?

Anastacio, *sentando-se* — Sou capaz de apostar que a menina não adivinha quem eu sou.

Leonina, *á parte* — A menina!... Já se vê que este homem é grosseiro. (*A Anastacio*). Certamente que não tenho a fortuna de o conhecer.

Anastacio — Ora ahi está como são as coisas! Eu conheço a menina como as palmas das minhas mãos.

Leonina, *á parte* — E' um velho doido! (*A Anastacio*). Não admira, porque eu sou bastante conhecida, pelo menos, na alta sociedade do Rio de Janeiro.

Anastacio — Pois não deve ufanar-se disso. O que mais convem a uma senhora é que não se fale muito em seu nome, nem em bem e ainda menos em mal; e a uma menina solteira o que melhor assenta é, recolhida no seio da modestia, fazer-se notar pela virtude, que não se ostenta e que, no emtanto, excita a admiração, por isso mesmo que não procura louvores.

Leonina — Meu senhor, eu prefiro que, em lugar de dar-me conselhos, que não pedi, diga-me o que pretende e se deseja falar a meu pae.

Anastacio — Já agora conversaremos um pouco; hei de provar que a conheço bem: sou um velho feiticeiro que adivinha a vida, os pensamen-

tos e até os segredos do coração das moças! Olha para mim sorrindo? Pois escute: a menina chama-se Leonina, e, bem que assevere a todas as suas camaradas que conta dezeseite annos de idade, vae completar os seus vinte e dois justinhos daqui a cinco dias.

**Leonina** — Senhor!

**Anastacio** — A menina toca alguma coisa o seu piano; canta um pouco mal a sua aria italiana; tem de cór algumas phrases em francez; desenha um nariz que parece uma orelha; dansa e valsa noites inteiras nos bailes; passeia e conversa sem vexame com os rapazes e presume por isso que tem uma educação completa. Engano, menina! A verdadeira educação de uma moça é aquella que antes de tudo deve tornal-a uma bôa mãe de familia; a outra, a educação ficticia, aquella que recebeu e que muitas recebem, pôde dar em ultimo resultado excellentes e divertidas namoradas, porém esposas extremosas e mães dignas deste nome sagrado, palavra de honra que não, minha senhora!

**Leonina** — O sr. tem a idéa de offender-me?

**Anastacio** — A sua historia é em tudo semelhante á de muitas outras. Cedo, bem cedo, foi a menina arrastada para o turbilhão das festas ardentes, onde o delirio segue de perto a alegria, a sensibilidade se embota e o fingimento usurpa o logar da innocencia; e a menina, na idade em que devia ainda brincar com bonecas, sonha com amores e conquistas, amou ou suppoz

amar ao proximo antes de amar a Deus e só se lembrou da igreja, lembrando-se do casamento.

**Leonina** — Assim mesmo para um roceiro, o sr. fala correntemente! E' provavel que seja eleitor e juiz de paz na sua terra.

**Anastacio** — Dentro em pouco a vaidade encheu de têas de aranha essa cabecinha de criança. A menina, realmente, não é feia, julga-se, porém, a primeira formosura das cinco partes do mundo: critica e murmura desapiedadamente até das suas proprias amigas e suppõe-se por isso muito espi-rituosa; é filha de paes muito honrados, mas tão plebeus como este seu creado e presume-se fidalga de sangue azul e torce o biquinho a todo aquelle que não tem uma excellencia *de jure* e quinze avós ainda mesmo arranjados de encommenda entre os descendentes dos doze pares de França.

**Leonina** — Isso é demais! (*Levanta-se*). Eu vou chamar meu pae, que o fará sair immediatamente desta casa!

**Anastacio** — Escute, ao menos, um segredo do seu coração...

**Leonina** — Um segredo! Que póde o Sr. saber de mim? (*Com orgulho*).

**Anastacio** — Foi, ha dois mezes, a menina encontrou no Club Fluminense um elegante mancebo que lhe fez a côrte e, ou porque realmente gostasse do seu novo apaixonado, ou porque não achasse inconveniente em acrescentar mais um nome á lista dos seus namorados, mostrou corresponder ao amor desse jovem; os encontros repe-

tiram-se nos bailes; das conversinhas mysteriosas já se tinha chegado aos apertos de mão e a troca de flores e é escusado dizer que o papae e a mamãe não viam absolutamente nada; mas, em certa noite, ainda no Club Fluminense, alguém murmurou aos ouvidos da menina as seguintes palavras: “Aquelle moço que a requesta é pintor e filho de um marceneiro”. A terrível noticia accendeu os brios da fidalga e o namorado plebeu foi condemnado ao desprezo. Diga, menina, não é verdade?

**Leonina** — Não o nego; mas, por ventura, deveria eu continuar a aviltar-me?

**Anastacio** — Oh! não, não, de modo nenhum; ha, porém, no fim dessa historia uma tristissima e fatal realidade!

**Leonina** — E qual é? Já agora dê o seu recado até o fim.

**Anastacio** — E’ que o miseravel pintor, filho do miserabilissimo mestre marceneiro, é... é... tenho vergonha de acabar a phrase...

**Leonina** — Nada de reticencias; quero que diga tudo.

**Anastacio** — Pois então lá vae, minha fidalga: é que o miseravel pintor, filho do miserabilissimo mestre marceneiro, é... tenha paciencia, é, sem mais nem menos, primo-irmão de V. Ex.<sup>a</sup>.

**Leonina** — Oh! Não posso supportar esta ironia insultosa! (*Chamando*). Meu pae, meu pae!... Minha mãe!

**Anastacio** — Manchei-lhe o sangue azul com as tintas do meu pintor! E como ficou irritada! Menina, façamos as pazes: venha um abraço, em signal de reconciliação! (*Procurando-a*).

**Leonina**, *fugindo*.

Meu pae, accuda-me!

**Anastacio** — Pois agora ha de ser um abraço e um beijo!

### Scena X

Reunião em casa dos paes de **Leonina**. Entram **Anastacio**, **Felisberto** e **Henrique**.

**Anastacio** — Mauricio! mana Hortensia! (*Voltam-se todos*). Aqui vos trago comigo o nosso irmão, o mestre marceneiro Felisberto e o nosso sobrinho Henrique, pintor. (*Surpreza geral*).

**Hortensia**, *desmaiando* — Ah!

**Leonina**, *correndo a Hortensia* — Minha mãe!

**Mauricio** — Hortensia! Desmaiada! Meu Deus! Um medico. (*Ao criado*), Petit, um medico!

(*Movimento geral: Felisberto e Henrique no fundo; no meio da confusão Anastacio tira do bolso uma carta, desdobra-a e prepara uma torcida de papel*).

Petit — Le docteur! le docteur! (*Vae-se correndo*).

Mauricio — Hortensia!...

Leonina — Minha mãe!...

Uma visita — Sr. Mauricio, deite-lhe agua fria na cabeça.

Outra — Isto não é nada; deixem-me applicar-lhe um globulosinho de belladona. (*Tira do bolso uma caixa homeopathica*).

Anastacio, (*avancando com a torcida de papel*) — Afastem-se! Eu curo, em um instante, minha cunhada. (*Introduz a torcida no nariz de Hortensia e esta espirra*) — Espirrou! Está salva!

Hortensia, (*tornando a si*) — Ah! (*A'parte*). Malvado!...

Todos — Minha senhora!...

Anastacio, (*erguendo a torcida*) — Viva a torcida! A torcida é um especifico infallivel para o mal dos faniquitos!

Leonina, (*áparte*) — Marceneiro!

## ACTO V

Sala em casa de Mauricio.

Leonina, victima de uma tentativa de rapto, é salva por Henrique. Mauricio, de todo arruinado, é, por sua vez, salvo por Anastacio. Felisberto apparece tambem em socorro do irmão.

Scena XI

Anastacio, Mauricio, Hortensia, Leonina  
e Henrique

Leonina — Meu pae! Minha mãe! (*Correndo a abraçar-os*).

Hortensia — Minha filha!

Mauricio — Leonina!

Anastacio, *á parte* — Peior está essa... penso que já vou ficando com os olhos molhados... Si eu sou um chorão!

Mauricio — E o teu salvador... onde está elle? (*Vendo-o*). Henrique!

Hortensia — Meu sobrinho... nos meus braços! (*Abraça-o*).

Anastacio — Sem a menor duvida a desgraça dá juizo aos parvos.

Leonina — Minha mãe, meu primo é o mais nobre e honrado dos cavalheiros.

Anastacio — Saiu ao pae, que é tal e qual, apesar de ser mestre marceneiro.

Henrique — Cumpri em tudo o meu dever de parente e de homem de bem.

Mauricio — Henrique, desprezei-te, quando me illudia ostentando grandezas ficticias e hoje na mais cruel adversidade, hoje na miseria e quasi perdido pela deshonra, eu te peço que sejas o esposo e o protector de minha filha.

Hortensia — Chama-me tua mãe, Henrique!

**Henrique** — Juro que farei a felicidade de Leonina e de joelhos vos agradeço a esposa que me daes e que vae transformar minha vida em um paraíso.

**Mauricio** — Meu filho!

**Henrique** — Oh! Meu pae, minha mãe!

**Leonina** — Meu padrinho, como somos ditosos! (*A Anastacio*).

## Scena XII

### Os precedentes e Felisberto

**Mauricio** — Felisberto!

**Anastacio** — Felisberto!

**Leonina** — Meu tio!

**Henrique** — Meu pae!

**Hortensia**, *á parte* — Eu tremo de confusão...

**Felisberto** — Bom dia, Mauricio; Deus a guarde, minha senhora.

**Anastacio** — Com que cara vens tu, Felisberto?

**Felisberto** — Venho dizer-te, Anastacio, que tu és um homem mau.

**Anastacio** — Hein? Como é lá isso?

**Felisberto** — Homem mau, sustento ainda. (*A Mauricio*). Mauricio, foi sómente ha uma hora, que eu soube de tua desgraça. Eu sou um pobre marceneiro e trinta e cinco annos de economias deixaram-me apenas ajuntar estas oitos apolices de

conto de réis (*Apresentando-as*). Eu as reservava para meu filho; mas vejo que precisas muito. Oito contos de réis talvez não cheguem. Diabo! não tenho mais vintem; arranja-te, porém, com isto, enquanto trato de vender a minha casinhola, que nos dará ainda uns cinco ou seis contos. Nada de ceremonias. Por fim de contas, tu és meu irmão... anda... toma, aceita, Mauricio; aceita... e meu filho que trabalhe.

**Mauricio**, *chorando* — Felisberto!

**Leonina**, *abraçando Felisberto* — Meu querido pae!

**Henrique**, *idem* — Abençoado sejas, meu pae!

**Felisberto**, *confuso* — Que algazarra por uma coisa tão natural!

**Hortensia**, *curvando-se* — Meu irmão, perdoe-me o mal que lhe tenho feito.

**Felisberto** — Minha senhora... então que é isto? O passado, passado: viva Deus! A mulher de meu irmão é minha irmã, abro-lhe este peito... é rude, é grosseiro, mas venha... póde vir que é de madeira de lei! (*Abraça Hortensia*).

**Anastacio** — E eu então, Felisberto?

**Felisberto** — Toma lá (*indo a elle*), mas tu és um homem mau.

**Anastacio** — Alto, Sr. mestre marceneiro! Dobre a lingua; guarde as suas apolices; o que veio fazer, já está feito.

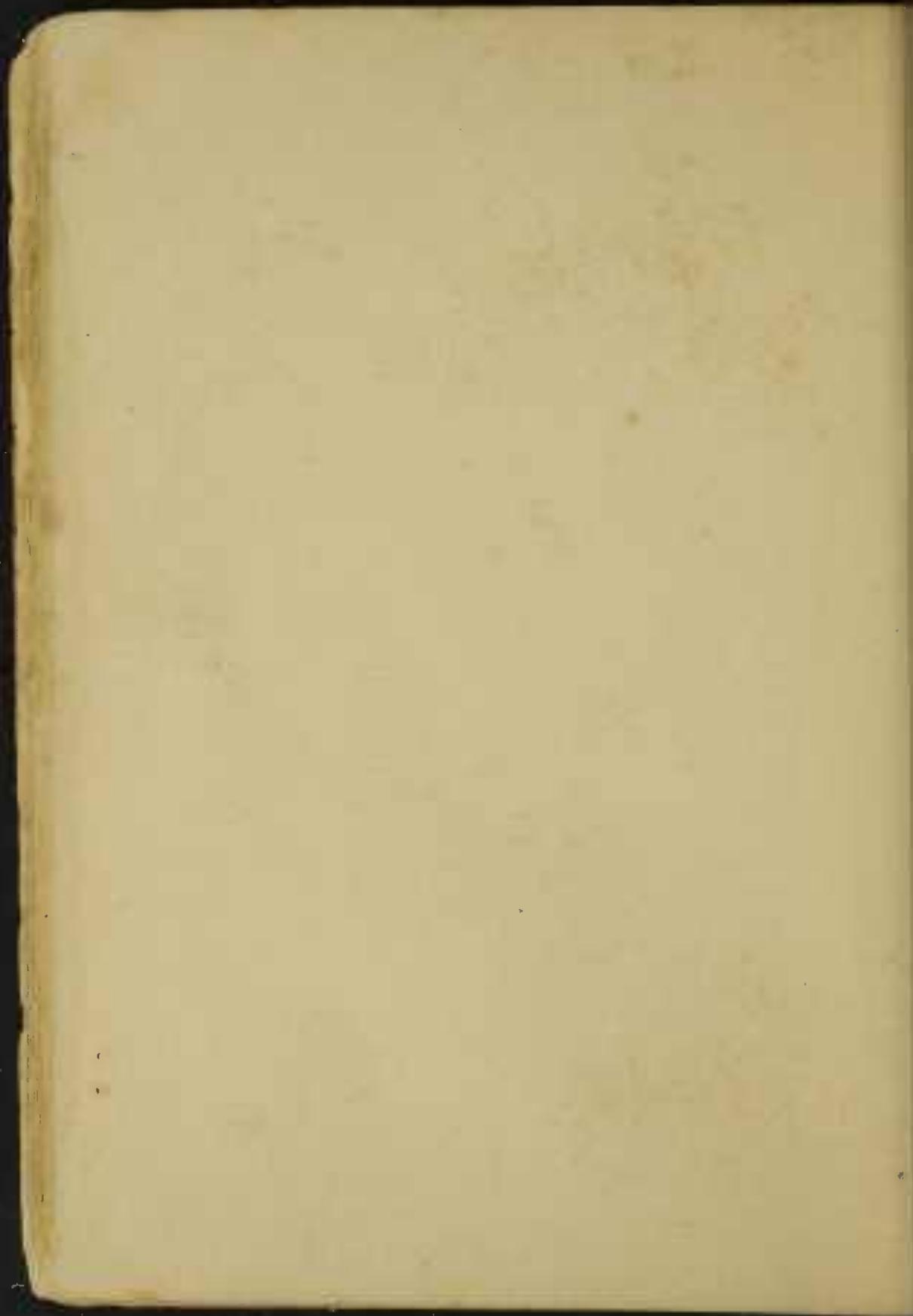
**Leonina** — Meu padrinho...

**Anastacio**, dando papeis a *Leonina* — Toma esta escriptura de hypotheca e estas letras, *Leonina*, entrega-as a teu pae e dize-lhe que, para o futuro, tenha mais juizo.

**Hortensia** — Mauricio, de joelhos aos pés destes dois anjos! (*Vão ajoelhar-se deante de Anastacio e Felisberto e elles os suspendem*).

**Anastacio** — De joelhos a Deus, meus irmãos! De joelhos a Deus e agradecei-lhe a lição que recebestes e a felicidade de vossa filha!

---



ALENCAR

“O Jesuita”

(1861; representado e impresso em 1875)

ACTO IV

Sacristia do Collegio dos Jesuitas  
(Morro do Castello)

Scena X

Samuel, o jesuita e Estevão, seu protegido e  
discipulo

Samuel — Fui um grande peccador, Estevão; mas quero revelar-te o mysterio desta existencia, que está proxima de seu termo. Vaes ler no fundo desta alma, onde, até agora, só penetrou o olhar de Deus.

Estevão — Oh! sim; desejo conhecer a vossa historia: ella me ensinará a amar-vos ainda mais.

Samuel — Como tu, Estevão, ignoro de quem sou filho: não tive familia; não conheci meus paes; porém nasci no seio desta terra virgem, que me nutriu como mãe; o meu berço em-

balou-se ao sopro das brisas americanas; os meus olhos abriram-se para contemplar este céu puro e azul. Não sei que perfume de liberdade respiram as flores destes campos; que voz solemne tem o echo destas florestas; que sentimento de independencia excita a grandeza deste continente e a amplidão do oceano que o cinge! Não sei. Mas a primeira idéa que germinou em meu espirito de quinze annos foi a emancipação de minha patria; a primeira palavra que balbuciou a minha razão foi o nome do Brasil, que resumia para mim os nomes de pae, de mãe, de irmãos, de todos esses ternos affectos que a Providencia me negara!

**Estevão** — Oh! eu tambem sentia a mesma cousa, quando contemplava esta natureza esplendida!

**Samuel** — Não é verdade? Este sol brilhante illumina a intelligencia e dá vôos ao pensamento. Aquella inspiração da mocidade tornou-se uma idéa; a razão apoderou-se della; e eu, só, sem recursos, sem auxilios, concebi esse plano ousado e gigantesco, que ás vezes me fazia duvidar de mim e que tu chamaste uma loucura.

**Estevão** — Que dizeis, senhor? Essa revolução...

**Samuel** — Era a independencia de nossa patria!

**Estevão** — Como podieis realizar semelhante projecto? Era um impossivel!

**Samuel** — Houve tempo em que julguei não haver impossiveis para o homem. Era jesuita pro-

fesso nos quatro grãos; conhecia o immenso poder dessa vasta associação que se estendia pelo universo, prendendo-o por uma têa de vinte mil apóstolos, como um corpo á cabeça que estava em Roma. Podia dirigil-a, si eu quizesse e fazer della uma alavanca para abalar o mundo. Precisava, porém, de estar aqui. O geral Miguel Angelo Tamburini, a quem confiei a minha idéa, nomeou-me vigario da ordem, nomeação secreta que foi confirmada por seus successores. Com essa autoridade, voltei ao Brasil e continuei a trabalhar.

Estevão — E desde então que fizestes?

Samuel — Vaes vêr. Esta região rica e fecunda era e ainda é hoje um deserto; para fazer della um grande imperio, como eu sonhei, era necessario uma população. De que maneira creal-a? Os homens não pullulam como as plantas; a reproducção natural demanda seculos. Lembrei-me que havia na Europa raças vagabundas que não tinham onde assentar a sua tenda; lembrei-me tambem que no fundo das florestas ainda havia restos de povos selvagens. Offereci a aquelles uma patria; civilisei estes pela religião. Daniel, o cigano, era o elo dessa immigração que em dez annos trazia ao Brasil duzentos mil bohemios; Garcia, o indio, era o representante das nações selvagens que só esperavam um signal para declarar de novo a sua independencia. Mas isto ainda não bastava; os judeus, familia immensa e proscripta, corriam a abrigar-se aqui da perse-

- 
-

guição dos christãos; Portugal e Hespanha, pela intolerancia, a Inglaterra pelo protestantismo, a França pelo catholicismo, lançariam metade de sua população nesta terra de liberdade e tolerancia, onde toda a religião poderia erguer o seu templo, onde nenhum homem seria estrangeiro.

Estevão — Oh! Eu vos admiro!

Samuel — Todos os elementos estavam dispostos; proseguia na minha obra certo de que, se me faltasse o tempo, tu a continuarias. Em menos de vinte annos o Brasil deixaria de ser uma colonia. Eis a missão que te destinava. Deixaste-me só... e estou velho!...

Estevão — Oh! Eu vos seguirei!

Samuel, *apontando para Constança, filha natural do Conde de Bobadella, prostrada, a alguns passos, deante do altar e que, elle, Samuel, tinha feito raptar, a serviço de seus planos politicos* — E ella?...

Samuel, *vencido pelo coração, acabára de unir pelo matrimonio Constança e Estevão, que se amavam.*

#### Scena XI

(Samuel, Estevão, Conde de Bobadella, Constança, Frades com tochas, Soldados, etc).

(Dobram os sinos)

Estevão, *voltando-se* — O governador!

Conde, *a Samuel* — Bem vedes que sou pontual.

**Samuel** — Eu vos esperava!

**Conde** — Esperastes o pae; mas quem veio foi o juiz. Podeis consumir o vosso ultimo crime; o algoz se prepara para punir-vos.

**Samuel** — Antes de resolverdes o sacrificio do vosso amor paternal tinha eu restituído a Estevão sua esposa, como agora vos restituo vossa filha.

**Conde**, *vendo Constança.* — Ah! *Recobra-sc.* Não; aqui só fala o dever.

**Samuel** — Cumpri-o. Quem vos impede?

**Conde** — Miguel Correia?

*Apparece o official; a scena enche-se de soldados.*

**Samuel** — Adeus, Conde de Bobadella.

**Conde** — Onde ides?

**Samuel** — Vou a Roma.

**Conde** — Estais zombando!

**Samuel** — Vou a Roma, onde não chega nem o braço de vosso rei, nem a colera de vosso ministro.

**Conde** — Esperaes escapar-me, rebelde, depois de terdes ousado conspirar contra o vosso rei? Esperaes que vos deixe continuar livremente a forjar nas trevas o vosso plano? Official, apoderae-vos deste homem!

*(Estevão quer proteger Samuel com o seu corpo, quando Miguel Correia avança. Samuel, porém, sobe o degrau do altar).*

**Samuel** — Tranquillizai-vos, meu filho; o poder de Deus me defende! *(Ao Conde).* Que

quereis de mim? O frade, o jesuita? (*Tira o habito e lança-lh'o aos pés*). Eil-o; é um habito? Podeis rasgal-o; mas a idéa não morrerá, não! Ella fica plantada no solo americano; cada homem que surgir do seio desta terra livre, será um novo apostolo da independencia do Brasil!

**Conde** — Impostor!

**Samuel** — Conde de Bobadella, governador do rei de Portugal, eu te empraso para d'aqui a um seculo. A' voz possante de um povo saudando a sua liberdade, a tua sombra se erguerá do tumulo para admirar esse imperio que a Providencia reserva a altos destinos. Não vês que o gigante se ergue e quebra as cadeias que o prendem? Não vês que o velho tronco de reis-heróes, carcomido pela corrupção e pelos seculos, hade florescer de novo nesta terra virgem e aos raios deste sol creador?... Oh! Deus me illumina!... Eu vejo!... Alem... no futuro... Eil-o... Brasil!... Minha patria!...

**Conde** — Soldados, prendei-o!

**Correia** — A quem? *Quando o Conde volta as costas e vae chamar os soldados, Estevão e Constança correm a impedil-o; neste momento abre-se uma porta falsa no altar e Samuel desaparece.*

**Conde** — A elle. Onde está?

**Fr. Pedro** — Deus o sabe!

---

PINHEIRO GUIMARÃES

“Punição”

(1864)

ACTO II

Sala alfaiada com todo o luxo.

Scena VI

Julia, Guilherme e Clara

Clara, *entrando fóra de si.* — Senhora! Senhora! eu quero uma explicação. Seu procedimento para comigo é intoleravel, indigno!

Julia — A menina está fóra de si, acalme-se primeiro.

Clara — Posso, por ventura, estar calma, senhora, quando vejo a minha vida inteira enlutada por um capricho seu? Não lhe bastava o que me tem feito soffrer!

Guilherme — Modere-se, minha prima. Não deve falar assim á sua madrasta, que tanto a estima.

**Clara** — O primo não sabe de certo o que se passou. Meu pae, depois de ter accedido ao pedido da minha mão, que lhe fizera o Snr. Salvador, teve uma entrevista com a senhora e voltando para nós, sem ousar encarar-nos, disse que o nosso casamento era impossivel. Venho perguntar á senhora — porque?

**Julia** — Porque o Sr. Salvador não tem aonde cair morto e ninguém sabe quem foi seu pae.

**Clara** — Não esperei que me dêsse essa resposta, a filha de um arriador casada com seu amo. Comprehendo-a, senhora. Odeia meu pae; porque, não sei; mas odeia-o e muito; e, não contente em pizar com o tacão de sua botina a cabeça desse velho, quer ainda tortural-o em seus filhos.

**Guilherme** — Prima, olhe que é uma ingratição. Está pagando mal o interesse que lhe consagram.

**Clara** — Deixe-se dessas palavras. A senhora não me estima, nem eu morro de amores por ella. Nesse ponto estamos quites.

**Julia**, *levantando-se* — Então porque vem tomar-me contas, pedir-me explicações?

**Clara** — Tenho esse direito. Trata-se da minha felicidade. Que queria eu? Livrar-me da sua influencia. Deixava-a senhora absoluta desta casa em que nasci; pondo e dispondo do que é meu e do que pertenceu a minha mãe. Nada mais ambicionava do que ir partilhar a pobreza do homem

a quem amo, e isso mesmo não se me concede.  
Oh! Deus a hade castigar, senhora! (*Desfaz-se*  
\* Sr. Salvador de Almeida.  
*em pranto*).

Julia, *commovida* — Oh! o que me estás lembrando! Houve um dia em que chorei como tu, e como tu, amaldiçoei a mão que me opprimiu! Não chores, Clara, não chores.

Clara — Se soffro tanto!

Julia, *chamando-a a si* — Pobre criança!

Clara — Que mal lhe fiz eu para torturar-me assim?

Julia — Tens razão, tens razão. Eu é que sou uma má mulher... Não o era, fizeram-me... Não chores mais, Clara.

Clara — Hei de chorar toda a vida.

Julia — Oh! que barbaridade foi a minha; fazer soffrer uma innocente, pelos crimes por outrem commettidos. (*Abraça Clara. Aparecem na porta o Commendador, pae de Clara e marido de Julia e Salvador*).

Salvador, *ao Commendador* — Hei de falar-lhe.

Commendador, *detendo-o* — Dirija-se a mim, Sr., sou o unico responsavel.

Julia, *ao Commendador* — Sr. Commendador Castro, peço-lhe a mão de sua filha para o \*

Clara, *lançando-se nos braços de Julia* —  
Minha mãe!

Salvador — Senhora!

Julia, *a Clara* — Perdoa-me ter-te feito sofrer.

Clara — Não me lembro mais disso... só sei que lhe devo tudo.

Julia — Eu é que te devo muito. A desgraça tornára arido meu coração; tuas lagrimas o fizeram reflorescer.

Commendador — Obrigado, Julia.

Julia, *mudando de tom* — Senhor, porque veio despertar-me?

Commendador — Então para mim nunca haverá piedade?

Julia — Nunca!

Clara — Minha mãe!

Julia — Não toques, criança, na ferida que sangra. (*Ouvem-se fóra repiques de sino e gritos—Viva! viva!*).

Commendador — Que é isto? Que é isto?

## Scena VII

### Os mesmos e Augusto

Augusto, *em trages de viagem; entrando arrebatado* — Meu pae! meu pae! (*Dando com Julia*). Julia aqui! Deus seja bendito! (*Caminha para Julia*). Obrigado, meu pae, obrigado; é o

premio da minha obediencia; não podia ser maior. Quanto lhe devo! (*Lança-se nos braços do Commendador*).

**Julia**, amparando-se na mesa para não cair — Ah! é horrivel! O infame mentiu-me.

**Commendador** — Augusto, meu filho, Julia é...

**Augusto** — Já adivinhei, minha mulher! (*Querendo ir para Julia*).

**Commendador** detendo-o — Tua madrasta.

**Augusto** — Minha madrasta! A alegria enloucece-me, não me disseram isto; ouvi mal. Julia, por piedade. Minha irmã, meu primo... Todos calados! Será verdade. Oh! é mentira, sou eu que enlouqueço, não é assim? (*A Julia*). Fala, fala, dize que este velho mentiu!

**Julia**, caindo de joelhos — Perdão, Augusto, eu não sou culpada!

**Augusto** — Oh! Miseraveis... eu os amaldiçoô a todos! (*Sáe precipitadamente; Guilherme vae á porta*).

**Julia**, bradando — Augusto, Augusto! (*Erge-se e quer acompanhal-o. O Commendador a retém*).

**Guilherme** — Lá tira uma pistola. (*Salvador corre atraz de Augusto. Julia empurra o Commendador e quando vae a sair, ouve-se um tiro*).

**Julia**, caindo redondamente — Jesus!

**Commendador** — Matei meu filho!

ACTO III

O scenario dividido pelo meio, representa um quarto de dormir e uma saleta. No quarto vê-se **Augusto** deitado; a camisa entreaberta descobre um aparelho de cirurgia.

**Julia e Augusto, no quarto**

**Julia, fechando a porta de comunicação** — Attende-me. Partiste. Nunca mais me escreveste, nunca mais tive noticias tuas. Oito mezes depois disseram-me que te tinhas casado. Esse boato, espalhado pelo Commendador, levou-me ás portas do tumulto: adoeci gravemente.

**Augusto** — E foi essa calúnia que te decidiu?

**Julia** — Não.

**Augusto** — Então...

**Julia** — Escuta-me. Tínhamos deixado as terras do Turvo. Entretanto, mais de uma vez vira eu o Commendador postado na estrada ou escondido entre as arvores, com os olhos cravados na minha janella. Surprehendeu-me essa espionagem; mas nada quiz dizer a meu pae, com receio de irrital-o. Um dia, porém, passeava eu, ainda mal convalescida, pelo campo que ficava por traz da casa; e, immersa em meus dolorosos pensamentos, tinha-me afastado um pouco, quando, de repente, senti um grande ruido; voltei-me, era o Commendador que, rompendo a matta, de um

salto achava-se junto de mim. Seu rosto afo-  
gueado, o brilho de seus olhos, o calor febril de  
suas mãos, que, de subito, apertaram as minhas e  
o desvario que li em sua physionomia decompos-  
ta, metteram-me medo, dei um grito. Elle caiu de  
joelhos e cingindo-me pela cintura, disse-me...  
Nem te posso referir o que, tão desconexas eram  
as suas frases, intermeadas de lagrimas e soluços,  
de supplicas e ameaças; mas bem-vi que me fala-  
va de amor, de paixão e que me propunha... coi-  
sas indignas. Horrorizada fiz um esforço para  
desenvencilhar-me de seus braços e corri para  
junto de meu pae, a quem, num tremor nervoso  
que mal me deixava articular as palavras, narrei  
essa scena que me enchera de pavôr e nôjo ao  
mesmo tempo. (*Pausa*). Meu pae decidiu mudar-  
se o mais breve possível! Porém, nessa mesma  
noite, o Commendador entrou em nossa casa  
acompanhado por seus capangas; amarrou meu  
pae e minha tia, que, em vão, tentaram resistir-  
-lhe e eu, amordaçada, fui por elle carregada e  
atirada sem sentidos no seu leito, onde, ebrio  
de paixão, abusou da minha fraqueza.

**Augusto** — Que infamia, que infamia!

**Julia** — Escuta ainda. Que me restava fazer?  
Salvar a minha honra; não por mim, mas por  
meu pae, cujo desespero era extremo. A paixão  
que, sem querer, incutira no commendador, fize-  
ra-o meu escravo. Exigi que me desposasse;  
obedeceu-me. Eis como sou tua madrasta, Au-  
gusto; condemna-me, si podes!

(*Entram na saleta o Dr., o Vigario, Salvador e Clara e dão com a porta de comunicação fechada*).

**Augusto** — Oh! como condemnar-te, anjo do céu, victima do mais nefando dos crimes!

(*Batem*). Porem batem; abre por piedade. (*Querendo erguer-se, cae*). Não tenho forças!

**Salvador** — D. Julia! (*Bate e esforça-se por arrombar a porta*).

**Clara** — Minha mãe, minha mãe!

**Julia** — Então, tu me perdôas?

**Augusto** — Oh! sim, do fundo d'alma!

**Julia** — Ah! (*Salvador arromba a porta e entram todos no quarto*).

**Clara** — Minha mãe! (*Indo ao irmão*). Augusto!

**Julia** — Sinto a vista turva... Eis a morte, ella vem. Bemdita seja! Porque elle, ouviram? elle me perdoou! (*Cae numa cadeira que Salvador lhe tem chegado*).

**Augusto** — Sim! Sim! Doutor, salve-a. Tomou um vidro de remedio que estava á minha cabeceira.

**Doutor** — Nada resta do vidro; é impossivel.

**Augusto** — Impossivel! E de que lhe serve a sua sciencia?

**Julia** — E de que me serviria viver?!

**Augusto** — Tens razão... Separaram-nos na vida, a morte nos unirá. (*Arranca o aparelho do peito*). Vem morrer nos meus braços, Julia! Vem...

**Julia**, alegre — Ah! (*Caminha cambaleando para Augusto*).

**Commendador**, que se tem conservado aos pés da cama de Augusto, escondido por ella, ergue-se e interpõe-se entre os dois — Nunca!

**Augusto** — Sempre elle! (*Cáe*).

**Clara**, caindo de joelhos á cabeceira da cama e abraçando Augusto — Meu irmão!

**Commendador**, chegando-se a Augusto — Meu filho!

**Salvador**, tomando o pulso de Augusto — Morto!

**Julia**, amparada pelo doutor, em afflicção de agonia — Já te não vejo, Augusto; já te não ouço... a terra me foge debaixo dos pés... Augusto... (*Cáe*).

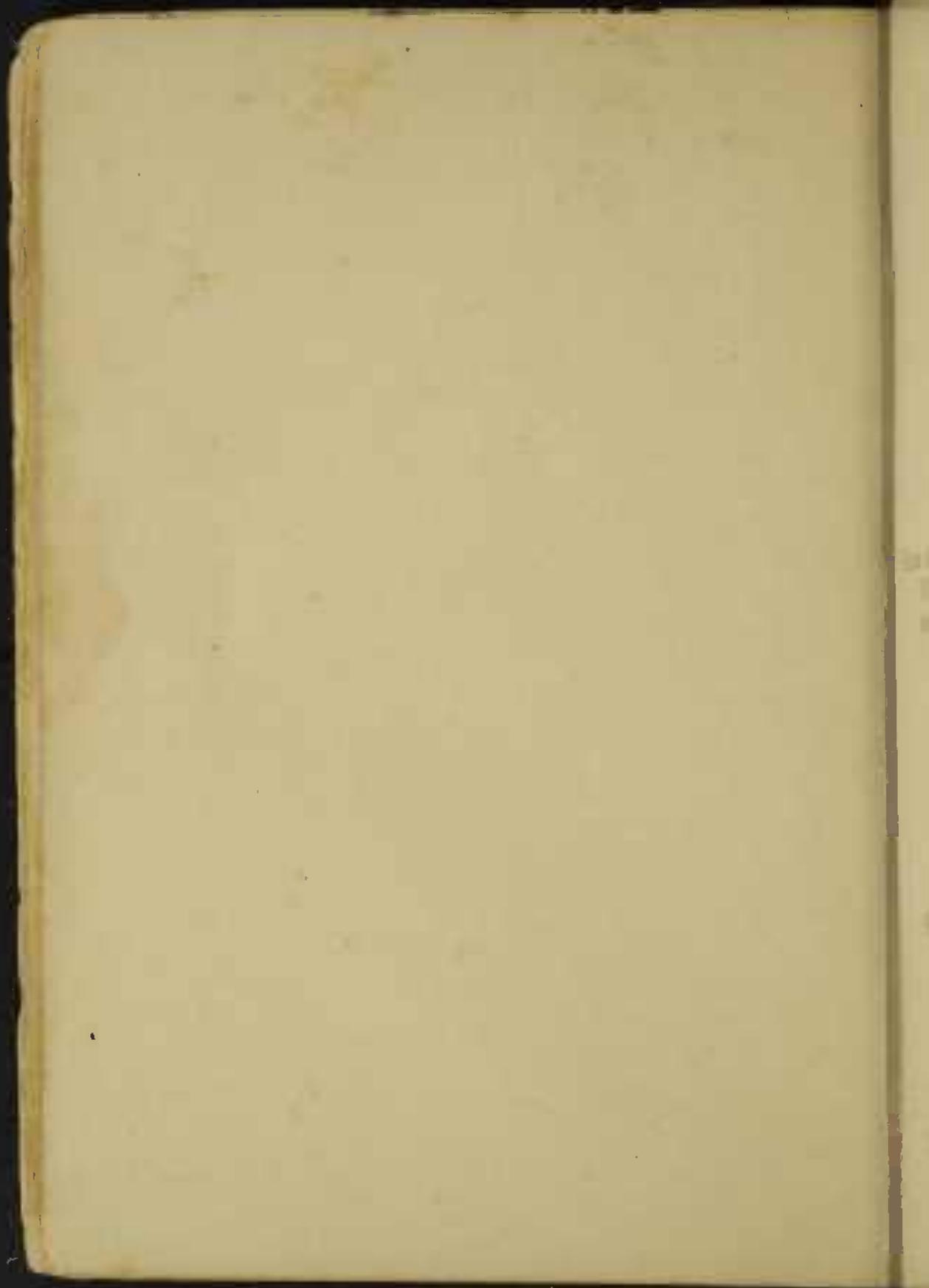
**Commendador** — Julia!

**Doutor**, amparando Julia — Dorme e não despertará mais!

**Commendador** — Ambos mortos! E quem me ha de perdoar?

**Vigario** — Deus!

---



AGRARIO

“Calabar”  
(1858)

ACTO I

Casa de Calabar. Pequena sala mal mobiliada.  
Algumas armas dispersas e encostadas na  
parede do fundo.

Scena I

1.º e 2.º soldados

*(Ouve-se o rufo de tambores)*

1.º soldado

Hein? Que é lá isto?

2.º soldado

Nada, não é nada.

1.º soldado

Será?

2.º soldado

Que temes tu? Estás com medo?

1.º soldado

Um momento...

Descanso. Não é fogo.  
Medo — disseste? Sim, talvez, quem sabe?  
Talvez comece a tê-lo d'hoje em vante.

2.º soldado

'Stou zombando, bem vês. Medo fazemos  
Nós que uma vez tomamos a espingarda  
P'ra vencer ou morrer!

1.º soldado

E, co'a fortuna!  
Vencemos hontem p'ra morrermos hoje,  
Hoje morremos e depois...

2.º soldado

A gloria!

*(Pausa. Encaram-se com intenção)*

1.º soldado

Deixei meus filhos, minha mãe caduca,  
Minhas rêdes, os peixes do meu rio,  
As coplas da saudade e os ternos cantos  
Que, em noites de luar, a minha esposa  
Fazia-me escutar! E tu, mancebo,  
Falas-me assim? A gloria quasi nada  
E' p'ra o soldado!

2.º soldado

Então?...

1.º soldado

Fala da patria,  
Do dever e da honra. A gloria é sonho;  
E' como o negro fumo do combate,  
Que corre, como um véo, sobre o cadaver  
Do misero soldado!

2.º soldado

Não discorres  
Bem neste ponto. O misero soldado  
Póde chegar a capitão illustre  
Por feitos de valor. Então a gloria  
Póde tambem acompanhar seu nome.

1.º soldado

Emmudeço. Nem mais quero dizer-te.  
Por gloria ou por dever, somos na guerra.  
E' o mesmo.

(*Senta-se*)

2.º soldado

Já sei que estás saudoso...  
Estes breves momentos de descanso  
Convidam a lembranças... E' verdade.  
Quero tambem lembrar-me do meu tempo.

(*Senta-se*)

Vou contar-te uma historia interessante.  
Queres ouvil-a?

1.º soldado

Não.

2.º soldado

Que desabrido!  
Não sabes o que perdes. E' historia  
Exacta e verdadeira, em que figura  
Calabar.

1.º soldado

Calabar! Então começa.

2.º soldado

Em noite de borrasca...

1.º soldado

Mau principio!

Em taes occasiões furtam-se moças,  
Esperam-se rivaes, abrem-se covas,  
Enterram-se cadaveres de homens  
Tomados á traição...

2.º soldado

Qual! Não é isto.

Certa noite, depois do vivo fogo,  
Em que, mau grado seu, os hollandezes  
Viram-se rechassados pelos nossos,  
Uma donzella, pallida, corria  
Como louca, no meio dos soldados,  
Pedindo compaixão...

1.º soldado

E' caso novo

Deveras para mim. Vamos adeante.

2.º soldado

Era bella, eu a vi, bella e formosa  
Como a flor parasita das montanhas.  
Que é? bradaram todos. — A desgraça,  
A morte que roubou-me neste instante  
Meu pae, meu pobre pae! — disse a donzella.  
O seu corpo onde está? Ninguém sabia.  
O seu nome qual é? Um nome indigena:  
Jaguarari — chamava-se.

1.º soldado, *levantando-se*

Conheço:

Por outra, conheci-o.

2.º Soldado, *idem*

Denodado

Forte era elle, que nem setta aguda  
Dos seus, nem dos contrarios a clavina  
Puderam abalal-o!

1.º soldado

Mas a moça?

2.º soldado

Procura Calabar, as mãos lhe beija,  
Cobre-as de pranto e, num delirio extremo,  
Exige d'elle o pae que succumbira!

1.º soldado

O capitão que fez?

2.º soldado

“Triste donzella!

Disse-lhe, erguendo-a nos forçosos braços:  
Confia em mim. Si a patria hei defendido,  
Tambem defendo a misera orphandade.  
Serei teu pae”.

1.º soldado

Depois?

2.º soldado

Trouxe-a comsigo:

Deu-lhe morada e pão, deu-lhe vestidos,  
Deu-lhe amparo e valia...

1.º soldado

Deu-lhe affectos

De irmão, de esposo!

2.º soldado

Sabes? Nesse caso...

1.º soldado

Sei melhor do que tu toda essa historia.

2.º soldado

Toda? E o seu nome, sabes?

1.º soldado

Argentina.

Sempre és um contador de historias velhas.

Ouve agora, que eu vou continuando...

Pela formosa filha dos indigenas,

Por sua tez morena, por seus olhos

Vivos, voluptuosos, por seus labios,

Por seu viço e belleza, largas noites

De vigilia e de insomnia, pensa e pensa

O duro Calabar!...

2.º soldado

Que! Será crível?

1.º soldado

Silencio!...

2.º soldado

Calabar?!

1.º soldado

Suspira e chora!

Vi-o uma vez assim, lá por deshoras,  
Estendido na relva das campinas  
Co'as lagrimas nas faces! Branquejavam  
Quaes fossem duas perolas pendidas  
Do tostado semblante do guerreiro!  
Junto ao calor ardente das fogueiras  
Tambem logo seccaram, que elle tinha  
Outro calor egual dentro do peito!

2.º soldado

Amor!!

1.º soldado

Amor! Que dizes? Não é isto.  
O capitão de pena é que chorava.

*(Mais baixo)*

Teme Argentina, teme os seus affectos,  
Ignora-os, inda mal! teme perdel-os!

Scena IV

**Argentina, Faro e Calabar**

Calabar, entrando com ar prazenteiro, carrega subitamente o semblante. Pausa de muda contemplação.

**Faro**

Busco-te, Calabar, para falar-te.  
Mas, antes me dirás o que ha de novo.

*(Ouve-se o rufo dos tambores)*

**Calabar, seccamente**

Eis que responde o rufo dos tambores!

*(Com fingida brandura)*

De mim, que queres tu?

**Faro**

**Primeiramente**

Annunciar-te os planos do Flamengo,  
Dizer-te e aconselhar-te...

**Calabar**

**Basta, Faro.**

Foste serodio em traspassar-me a nova  
De que para o Pontal segue o inimigo.  
Vamos em breve oppor-lhe resistencia :  
O signal bem ouviste.

**Faro**

**Neste caso...**

**Calabar**

Apresta-te tambem. A guerra chama:  
Não ha razão que deva demorar-te.

**Faro**

Sabes que bem conheço meus deveres.

**Calabar**

Nem al eu disse nunca em teu desdouro.

**Faro**

Entendo, Calabar. Mas é que, ás vezes,  
Uma força maior, ah! quem duvida?  
Póde sustar o braço do soldado.

**Calabar**

Em defeza da patria, oh! nunca, nunca!

**Faro**

Sei, Calabar, que é justo o que me dizes;  
Sei que o soldado que nasceu p'ra guerra,  
Jámais deve evital-a. Mas, que importa,  
Que val o que devemos quando n'alma  
Sôa mais forte ainda o que sentimos?  
Que valem o clamor e a vóz da honra,  
Da honra do soldado, quando a vida,  
Quando o amor, Calabar...

Calabar

Que dizes, Faro?  
Amor! Amor no peito do soldado!...  
Meteoro fatal que os olhos cega,  
Como o clarão ignífero do raio!...  
Amor!

*(Olhando a furto para Argentina)*

Extingue-o, si no peito o sentes!

*(Com animação)*

Ama o zunir das balas no combate!  
Ama, como eu, o lampejar dos ferros,  
O fumo asphixiante das bombardas,  
O estrondo do canhão, o pó cinzento  
Que o exercito levanta, o horror e o pranto,  
O sangue e a morte!

*( Mudando de tom)*

E a gloria, a gloria, Faro!  
Ama, como eu, a gloria e a liberdade!  
E a patria!

*(Ironicamente)*

A patria! a liberdade!

(Com amargura)

Mentira tudo!

Engano!

Faro

Calabar e dizes?

Calabar

O que disse não sei... não sei, confesso.  
Apenas... que já vem chegando a hora  
De acompanhar os nossos para a guerra!  
Apresta-te, mancebo!

Faro

Num momento.  
Mas, antes, Calabar, quero pedir-te,  
Pedir-te, sim, que ouças Argentina,  
Que me ouças também...

(Movimento em Calabar)

Argentina

Oh! céos, eu tremo!

Calabar,, *ansioso*

Dizei... falae, falae...

**Argentina, com candura**

Senhor, amamo-nos!

**Calabar, como fulminado**

Nunca! nunca!... jámais! é impossível!

*(Mudando subitamente de tom)*

Quero dizer...

*(Fingindo calma)*

Agora, neste instante...  
Quando devemos só cuidar na guerra.  
Depois... depois...

*(Com raiva concentrada)*

Amais-vos, não?

**Argentina, á parte**

E' crível  
O que me disse, Faro. Oh! que supplicio!

**Faro**

Accedes, Calabar?

Calabar, *refreando-se*

Oh! que direito  
Tenho eu para me oppor? Sois ambos livres...  
Não é assim?...

Faro

Então?

Calabar

Um só conselho,  
Se é que posso dal-o, eu vos daria.

*(Asedando gradualmente a expressão)*

Primeiro que donosos galanteios  
Hajais de corôar, deixai que findem  
As entrepêzas bellicas dos nossos,  
Que nesta occasião, entre os perigos,  
Esquecem-se de amor, curam da patria!  
Um nobre coração não ha, que ouvindo  
O clangor da trombeta, em crise horrenda,  
Sobre de longe o fumo dos combates  
Para aspirar das flores o perfume!  
De vosso pae, senhora, a sombra inulta  
Vaga talvez no meio desses campos  
Em busca de um punhal para vingal-o!

*(Argentina estremece)*

Essa espada, senhor, que vos cingiram  
P'ra defender os fóros de uma gente,  
Ainda não se banhó em sangue imigo,  
Nem um só palmo conquistou de terra!

*(Faro adianta-se)*

Offende-vos, acaso, o que vos digo?  
E' a franqueza rude do soldado,  
Mas é também a força da verdade.

*(Amargamente)*

O duro Calabar, talvez sentindo  
Muito mais do que vós, nunca dos labios  
Deixou cair de amor uma palavra!  
E é que não amasse?! Desgraçado!

*(Arrebatadamente)*

Desconheceis o affecto do mulato?  
Negais-lhe coração, negais-lhe alma?!  
Tudo o que tendes, brancos, também tenho!  
Almá ás vezes melhor do que é a vossa,  
Coração que se esmalta de virtudes,  
São egualmente dotes que nos cabem!

*(A Faro, em particular).*

E' que amava em segredo. Immenso, ardente,  
Como este sol que queima os nossos bosques;  
Occulto, como a serpe que se enrosca  
No cavo tronco de floresta opaca;  
O amor que aqui senti, que sinto ainda  
'Stá recalcado pela mão de ferro  
De uma vontade de homem!

*(A' parte, com compunção)*

Que tremenda  
Revolução se opéra na minha alma!  
Ella o ama!!!

*(Pausa de meditação)*

*Faro, em voz baixa*

Argentina, inda duvidas?

Argentina

Meu Deus, valei-me!

Faro

Cumpre tua jura!

Eu te espero, não faltes.

**Argentina**

Oh! que sina!

*Faro, batendo no hombro de Calabar.*

Desperta, Calabar! Eu te precedo...  
Guerra! guerra de morte!

*(Dando as mãos a apertar)*

Aos hollandezes!

*Calabar, apertando-lhe as mãos*

Guerra! guerra!

*(A' parte)*

Por quem, só Deus o sabe!

*(Faro sáe)*

---

**ACTO II**

Quartel-General dos Hollandezes. Uma sala com reposteiros no fundo.

**Scena V**

1.º, 2.º e 3.º officiaes, Sigismundo Van-Scopp, um soldado.

**Soldado**

Um homem, que se diz desconhecido  
Pede uma conferencia.

**Sigismundo**

Que apareça.  
Não presumo quem seja...

**2.º official**

E' bem possível  
Que algum espia...

**Sigismundo**

E' muito atrevimento.

**3.º official**

Um mensageiro...  
Ou antes um resgate.

**1.º official, á parte**

Já 'stou desconfiado com a fortuna...

(*Entra Calabar, embuçado em um grande manto pardo*).

**Calabar, solemnemente**

Eis-me ante vós! Saude aos hollandezes!

**1.º official**

Esta voz!

Sigismundo, *com altivez*

Não sabemos quem nos fala.  
Quem quer que sejas, debes, sem rebuço,  
Dizer teu nome e o fim a que vieste!

Calabar, *accentuando*

Quereis saber meu nome?

(*Mudando de tom*)

Sobre a terra  
Com c'rateres de sangue está escripto!  
Depois, une-se ao echo das ruinas  
Ou ao murmurio tetrico e pesado  
Das agoueirias aves do sepulcro!  
Quereis saber meu nome? Se o proferem,  
Lançam-lhe maldições! Se alguém o escuta,  
Parece ouvir o epitheto da morte!

Sigismundo

Então és?!

1.º official, *erguendo-se e apontando*

Calabar!!

(*Levantam-se todos. Pausa de admiração*)

**Calabar, descobrindo-se**

E' o mulato!

E' o mulato, sim, horrído e triste,  
Indomito e feroz como a procella  
Que solevanta as ondas do oceano!!  
Tremeis de mim?... Sentai-vos.

**Sigismundo, sentando-se**

Continúa.

(*Os officiaes sentam-se*)

De que animo vieste a procurar-nos?  
Quem te mandou? Que queres? Que pretendes?

**Calabar**

Minha vontade só, é que me impelle!  
Quiz e bastou. Que quero e que pretendo?  
Que é que pretendes tu, ó Sigismundo?

**Sigismundo**

Vingar a patria, conquistar a gloria!

**Calabar**

Não te valhas de titulos pomposos  
Para encobrir a sede do dominio.

*(Movimento dos hollandezes)*

A gloria e a patria — futeis subterfugios —  
São palavras vacias de sentido.  
Que morrem como os sons que as acompanham.  
São, muita vez, um distico solemne  
Sobre as cinzas da alma e o pó das crenças!  
A gloria é como um sonho que se extingue  
Ao despertar de um longo pesadello!  
A patria, aqui, alli, é o mundo inteiro,  
Quando a negra ambição domina os homens!

*(Pequena pausa)*

Venho abraçar, Van- Scopp, o teu partido!  
Eis aqui o meu fim.

**Sigismundo**

Será possível?  
Aos nossos, Calabar, já recusaste  
Os teus serviços. . . Hoje...

**Calabar**

Acredita-me.  
Como corre o tufão, do sul ao norte,  
Corro eu na terra ao grado de caprichos!  
Que val, que vos importa o que fui hontem?  
Hoje serei dos vossos.

1.º official, á parte

Convenceu-se!  
Não ha nada melhor que ser de todos.

**Sigismundo**

E amanhã, quem nos diz, quem nos garante,  
Qu'inda serás o mesmo?

**Calabar**

Sigismundo!!

*(Mudando de tom)*

Tens bastante razão no que me dizes:  
Quem sou eu para ser acreditado?  
Um impostor ou um aventureiro!  
Um soldado traidor, infiel transfuga,  
Como o quizerdes, nobres hollandezes.  
Occulte Calabar os seus motivos  
De traição e perfidia, o mais que importa?  
Se vem d'alma o poder que anima o braço,  
Respeite o braço quem não sabe d'alma.

*( Mão no peito)*

Ha um segredo aqui, grande e profundo,  
Que nunca aos homens se fará patente!  
Tem-se visto, no meio de batalhas,  
Ferros, que brandem mãos desconhecidas,  
Juncar de mil cadaveres os campos!...

Será meu ferro assim... Depois, a morte  
Leva comsigo ao pó do esquecimento  
O nome e a fama de quem foi tão bravo!  
Não indagueis a causa que me impelle,  
Não indagueis o dia que foi hontem,  
O de hoje, o de amanhã!...

---

ACTO V

Carcere. **Calabar**, algemado, apparece deitado sobre umas palhas.

Scena I

**Calabar**, só

*(Dão dez horas)*

**Calabar**, *soerguendo-se*

Ainda não! Uma hora só me falta!  
E como corre o tempo! Subitaneo  
Como a luz do relampago! Veloce  
Mesmo como é contado como eu conto,  
Minuto por minuto! E que é a vida?  
Minuto na extensão da eternidade...  
Relampago fugaz, que brilha e morre  
Entre os roucos rugidos da tormenta!

*(Pequena pausa)*

Só me resta uma hora! Tanto tempo  
De paz e de ventura sobre a terra  
Não teve Calabar! Nascido apenas,  
Fui atirado ao seio da indigencia  
Para provar-lhe o fel, gôta por gôta!  
Meus prazeres de infancia foram sonhos.  
Vi-os quando, alta noite, reclinado  
Nos troncos da floresta, a minha mente  
Fantasiava um berço sobre a relva  
De minha pobre mãe acompanhado.  
Eu me sorria ás vezes ao seu pranto  
Que, em bagas sobre as faces me cahia;  
Ella dava-me um osculo piedoso,  
E, talvez já prevendo o meu futuro,  
Gemia e soluçava! A juventude  
Não me apontou mais leda! Ao começal-a,  
Veio logo da morte a fouce horrenda  
Sobre essa infeliz mãe! Entrei de lucto  
Aonde os outros entram adornados  
De galas! No jardim da mocidade  
Sentei-me triste á sombra de cyprestes,  
Vendo os outros colher jasmims e rosas!  
Criei-me desta sorte... entre amarguras!  
Mirando o rosto esqualido da fome,  
Vendo o dedo cruel que me apontava  
A côr que eu tinha, como recordando  
A côr do meu destino... Que sentença!

(*Ergue-se*)

Não ha logar no mundo p'ra o mulato  
Alem do que lhe aponta o captiveiro?!  
Era grande a injustiça... revoltei-me!  
Quiz tambem ser participe dos gosos  
No opiparo banquete da existencia.  
Cabeça e braço foram instrumentos,  
Que em toda a lucta sempre me serviram;  
Cabeça e braço deram-me a victoria!  
Cahi, por fim... Isto, porém, que importa?  
Eu devera cair, agora ou logo,  
Ou hoje ou amanhã, ou cedo ou tarde.  
E' do homem cair ante o destino;  
Cumriu-se o meu...

*(Mudando subitamente de tom)*

Cumriu-se? Quem o disse?

*(Dando dois passos)*

Quem disse que eu devêra retirar-me  
Das scenas deste mundo?

*(Ouve-se o rufo de tambores)*

Uma voz, de dentro

Eis a sentença  
Imposta a Calabar ante o Conselho:  
"Mathias d'Albuquerque por direito

Que lhe confere El-Rei, ha resolvido:  
Hoje, quando soarem onze horas,  
Seja o réo conduzido ao cadafalso,  
Por traidor e revel; sua cabeça  
Será pelo carrasco decepada  
Perante a multidão; em continente  
Ha de ser o seu corpo esquartejado,  
E após na praça, dentro da fogueira,  
A cinzas reduzido". Está assignada.

*Calabar, mordendo os ferros*

Subir ao cadafalso! Miseraveis!  
Que eu não possa quebrar estas algemas!  
Que eu não levante o braço um só momento!  
Que eu não encontre um ferro neste carcere!  
Iria esmigalhal-os, nessa praça,  
As turbas e o carrasco! De um só golpe,  
Derrubaria a machina de morte  
Que para mim houveram levantado!!

*(Pausa)*

Mathias de Albuquerque e os seus sequazes  
Applaudem com prazer o meu supplicio,  
Como espectaculo digno de ser visto!  
Lá vem a multidão apressurada  
Confusa e curiosa, a procurar-me!  
O sacrificio é bello, é magestoso!  
Correm todos a ver como o cutelo  
Sobre a victima cae; como decepa

Uma cabeça humana ; como róla  
Pelos tinctos degráos do cadafalso!

*(Exclamando)*

Homens que me enxotastes atrevidos  
Da lauta mesa, em que vos assentaveis ;  
Mulheres que zombastes do mulato,  
Porque ousou mostrar-vos a sua alma  
Em extasis de amor, sêde malditos!!

*(Pausa)*

Estou cansado já de tanta lida...  
Morrer, sim, é melhor. Que val o mundo?  
Quem não provou nenhum dos seus prazeres  
Não póde ter saudades de seus males.

---

FRANÇA JUNIOR

“Direito por linhas tortas”  
(1870)

ACTO II

*Uma sala*

Leonarda e Ignacinha, senhoras resingueiras e apologistas do absolutismo feminil, obrigam os respectivos maridos, sogro e genro, a abandonar, temporariamente, animados por um amigo, o lar domestico.

Scena XXII

Miguel, Fortunato e Luiz

Fortunato — Si o senhor não se mette no meio, eu levava um tapa-ôlho tão certo como tres e dois são cinco.

Luiz — E' duro attribuirem-me agora o papel de algoz, quando não passo de uma victima resignada e soffredora. A taça transborda e é preciso que findem as torturas em que vivo.

Miguel — Que vaes fazer?

Luiz — Fugir para bem longe d'aqui. Sairei de cabeça erguida com meu filho nos braços e terei a coragem necessaria para arrostar os commentarios do mundo.

Miguel — Loucura, meu caro amigo. (*Para Luiz e Fortunato*). Querem um remedio prompto e efficaz para sustar os effeitos da febre que por aqui vae?

Fortunato — Aceito-o como pão para a boca.

Miguel — Pois bem: sente-se alli e escreva.

Fortunato, *sentando-se e dispondo-se a escrever* — Estou tremendo como varas verdes; ainda não me saiu da cabeça o tapa-ôlho de que escapei.

Miguel — Escreva lá:

“Os abaixo assignados, não podendo, por mais tempo, tolerar o estado degradante em que vivem nesta casa...

Fortunato — O' commendador, isto não é muito forte?

Miguel, *continuando* — ... tomaram, de commum accordo, a resolução de abandonal-a...

Fortunato — Nada, isto não faço eu.

Miguel — Ouça o resto e faça depois os seus commentarios... ”e vão atirar-se no seio das orgias...

Fortunato — Or, ji... E' com j ou com g que se escreve isto?

Miguel — Escreva como quizer... “já que a posição de homens de bem, que têm sabido sustentar até aqui, não lhes garante a tranquillidade e

a consideração a que têm direito, como dignos chefes de família". Date e assigne.

**Fortunato** — Lá isso de assignar, temos conversado. Que conseguiríamos com mais este escandalo?

**Miguel** — Eu lhe explico: Os senhores não se vão atirar no seio das orgias, como reza a carta, longe de mim tal conselho; fugindo, porém, de casa, por algum tempo, e fazendo constar ás suas mulheres que estão na vida desregrada, ferem-lhes o amor proprio, dão assim uma prova de que sabem reagir com coragem contra o despotismo que os escravisa e obrigam essas creaturas a regenerarem-se, assignando, dentro em breve, um tratado de paz, que será a garantia da felicidade futura.

**Luiz** — O naufrago, no estado de desespero, abraça-se á primeira taboa que encontra. Aceito a sua idéa, commendador.

**Fortunato** — Oxalá que não se volte o feitiço contra o feiticeiro.

**Miguel** — Fique descansado; assignem a carta.

**Fortunato** — Eu saio de casa, mas sob condição de ser homem de bem, como tenho sido até aqui.

**Miguel** — E' justamente o que eu quero. *(Luiz e Fortunato assignam a carta e deixam-na em cima da mesa).*

**Luiz, para Fortunato** — Saiamos, senhor.

**Fortunato** — Uma vez que é para nosso bem. partamos. *(Saem todos pelo fundo).*

ACTO IV

A mesma sala do 2.º acto.

Regressam os maridos.

Scena X

Miguel, o commendador, promovido a Barão da Cova da Onça, Luiz e Fortunato. Ignacinha e Leonarda, *espiando á porta*.

Fortunato, *gritando* — Não se abusa assim impunemente da paciencia de um homem; a paciencia tem limites. Eu hei de tirar a limpo este desaforo. (*Batendo com a bengala no chão*).

Barão, *baixo* — Magnifico, magnifico!

Luiz — Mas que diabo viemos fazer aqui? Vamos embora; eu estava lá fóra passando tão bem! Esta vida não me quadra.

Barão — Que pretendem então os senhores? Querem continuar numa vida de ocio e de pangeda, abandonando duas mulheres honestas que os adoram? (*Baixo*). Andem, andem, é preciso que as scenas sejam bem atacadas.

Fortunato — Esta bengala não me ha de sair das mãos. (*Baixo*). Isto não é muito forte?

Barão — O senhor é um miseravel! (*Baixo a Fortunato*). Avance para mim.

Fortunato, *avançando* — Senhor Barão, não me faça perder-lhe o respeito.

Luiz — Que maçada! vamos embora.

Barão — Os senhores não sairão daqui.

Leonarda, *entrando*—Fortunato! (*Fortunato estremece e recua, affectando depois coragem*).

Ignacinha — Eu te perdôo, Luiz.

Luiz — E' irrisorio esse perdão, minha senhora. Só se perdôam os criminosos e a senhora vê que eu estou de frente erguida.

Fortunato, *a Leonarda* — Peça-lhe, senhora, que repare tambem para o meu porte.

Leonarda — Foste um ingrato para comigo. (*Quer abraçal-o; Fortunato recua com medo*).

Fortunato — Chegue-se para lá!

Ignacinha, *para Luiz* — Esqueceste teu filho!

Luiz — Sim, esse filho a quem a senhora muitas vezes abandonou. (*Para Fortunato*). Vamos embora. (*Luiz e Fortunato vão sair*).

Ignacinha — Oh! não saias, Luiz, eu te peço. (*Chorando*). Queres me matar?

Leonarda, *á parte* — Que humilhação!

Barão — Os senhores hão de ficar e continuarão a viver nesta cãsa como bons maridos, ainda que para isso me veja obrigado a lançar mão dos meios mais energicos.

Fortunato — Pois bem, ficamos; mas sob a condição de que havemos de assumir as redeas do poder. Concordam?

Luiz — Si não quizerem é o mesmo; voltamos para a bôa vida.

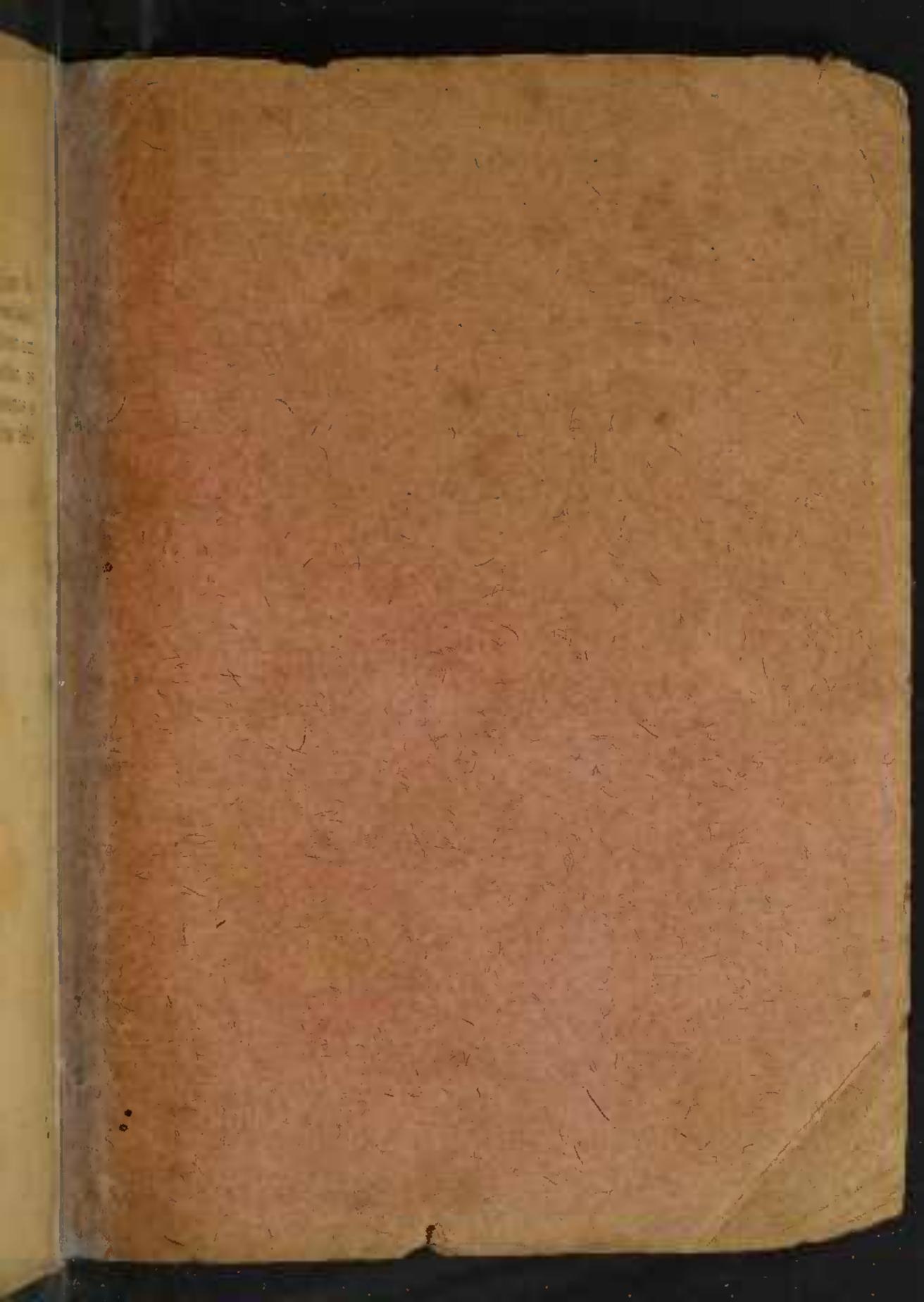
Ignacinha, *para Leonarda* — Deixemos-lhes a força e esse poder apparente, minha mãe; nós os dominaremos pelo coração.

Fortunato — Concordam ou não?

Leonarda — Sim.

Barão — Ora pois, abracem-se e sejam felizes. (*Leonarda abraça Fortunato; Ignacinha, Luiz*). Agora (*para Luiz*) venha de lá também um abraço. Já que estou condemnado a findar os meus dias como celibatario, resta-me ao menos o grato consolo de ter contribuido para a tua felicidade, que começa hoje.

---



ACABAM DE SAIR:

**COMÉDIAS** de Luis de Camões

(Edição organizada por Paulino Vieira)

Preço . . . . 4\$000

**O ALISTAMENTO ELEITORAL DA REPUBLICA** de

Affonso Dionysio Gama - (3.<sup>a</sup> edição revista  
e augmentada).

Preço . . . . 10\$000

**LEI DE IMPRENSA**

Preço . . . . 1\$000

Pedidos à

**NOVA ERA - Empresa Editôra**

PAULINO VIEIRA & COMP.

RUA DE S. BENTO, 40 - 3.<sup>o</sup> andar, sala 20 \* Tel. Central 1681

S. PAULO

Serão remetidos pelo correio para qualquer lugar do Brasil sem  
aumento de porte, desde que o pedido venha acompanhado da respectiva  
importancia em CHEQUE, VALE POSTAL ou SELOS DO CORREIO.